

CIBEC/INEP



e Aspectos do Brasil



81)
t

SEÇÃO DE ÁUDIO-VISUAIS
CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
INEP — MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

TIPOS E ASPECTOS

DO

BRASIL

**PREPARAÇÃO DOS ROTEIROS E
EMBALAGEM**

Pela seção de Áudio-Visuais do CBPE.

SUMÁRIO EM { Lucia Maria Lopes de Oliveira
PORTUGUÊS | Olina Terra Franco

SUMÁRIO EM INGLÊS — Prof. Georges Reed

DATILOGRAFIA { Ana Halpern Santos Seclio
Lina Halpern
Marília Monteiro
Alda Barros

REVISÃO DOS { Arthur Bernardes Weiss
PROFESSORES | Norma Caixe
Michael J. Mc Carthy
George Reed

EMBALAGEM { José Batista de Oliveira
Abdias Augusto de Almeida

**PREPARAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS
EM DIAPOSITIVOS**

Pela Divisão de Meios de Comunicação da
USOM/Brasil

FOTOGRAFIA — Immanuel Machado

TRABALHO { Olívio França
ARTÍSTICO | Iara Rudge

COORDENAÇÃO: Leticia de Faria

TIPOS E ASPECTOS BRASIL

BASEADO EM "TIPOS E ASPECTOS DO
BRASIL" UMA PUBLICAÇÃO DO
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
ILUSTRADA POR PERCY LAU.

SEÇÃO DE ÁUDIO-VISUAIS CENTRO
BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS INEP —
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

ÍNDICE

<i>Apresentação</i>	B
Arpoadores de Jacarés	7
Caboclo Amazônico	7
Campos do Rio Branco	8
Castanhais	9
Gaiolas e Vaticanos	10
O pescador de Pirarucu	11
Pesca do Pirarucu	12
Regatões	13
Seringueiros	14
Trecho de um rio na Amazônia	16
Vaqueiro no Marajó	17
Vaqueiro do Rio Branco	18
Ver-o-pêso	19
As Usinas de Caroá	20
Agreste	22
Aguadeiro	23
Água de cacimba no Nordeste	24
Babaçuais	25
Balsas	27
Caatinga	28
Canavial	29
Carnaubais	31
Cambiteiros	32
Cerâmica popular do Nordeste	33
Coqueirais das praias do Nordeste	34
Colheita da Carnaúba	35
Engenhos e Usinas	36
Fabricante de farinha	38
Jangadeiro	39
Mocambo	40
O colhedor de cocos	41
O mandiocal	43
O pescador de tarrafa	44
Rendeiras do Nordeste	45
Tirador de Caroá	46
Trecho encachoeirado do São Francisco	47

2 — TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

Vaquejada	49
Vaqueiro do Nordeste	50
Viveiros de peixe do Recife	52
A Lavadeira	53
Barraqueiros	54
Barqueiros do São Francisco	55
Burros de Carga	57
Cacauá	58
Carro de Boi	60
Carvoeiro	61
Costeiras	63
Faiscadores	63
Favelas	65
Feira de Gado	66
Florestas da encosta Oriental	68
Gerais	69
Grutas calcáreas do São Francisco	70
Manguezais	71
Muxuango	72
Negras Bahianas	73
O Espia	74
Planícies dos Goitacazes	76
Pranchas	77
Região Central de Minas Gerais	78
Restinga	79
Salinas	80
A casa do Praiano	82
Agregado	83
Cachoeiras do Iguaçu	84
Cafezal	85
Campos de criação do Rio Grande do Sul	87
Campos de Guarapuava	88
Charqueada	89
Carroças Coloniais do Sul	90
Carreteiro	91
Colheita do Café	92
Coxilhas	94
Ervais	95
Ervateiros	96
Extratores de Pinho	97
O Bananeiro	98
O Gaúcho	99
O Uru	100

O Galpão	102
Peão	102
Pescadores do Litoral Sul	103
Pinhal	104
Travessia do Gado	106
Serraria	107
Boiadeiro	108
Bois de sela	109
Buritizal	110
O Campo Cerrado	112
Casa do Agregado	113
Derrubada	114
Floresta Galeria	115
Garimpeiros	117
Obrageiros	118
Pantanal	119
Tapera.....	120

APRESENTAÇÃO

A presente publicação de TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL, em diapositivos, atende às justas solicitações de professores brasileiros, especialmente de Geografia e de estrangeiros, amigos do Brasil, desejosos todos de obter material para projeções fixas em palestras informativas sobre temas típicos deste país.

As mais expressivas dessas solicitações e que se apresentaram como uma cooperação decisiva à presente iniciativa foram as formuladas pelo Dr. Arthur Francis Byrnes, Diretor da Divisão de Educação e pelo Mr. Lawrence Tate, Diretor do Setor de Meios de Comunicação, ambos da USOM, Brasil.

Esta publicação atende ainda à maior divulgação de uma das interessantes obras do Conselho Nacional de Geografia que reúne, com êxito, aspectos valiosos da pesquisa geográfica à arte de Percy Lau.

Pela crescente industrialização do Brasil, alguns dos temas aqui apresentados vão se tornando apenas históricos e outros aspectos de exploração dos recursos naturais e de vida vão emergindo nas zonas geográficas brasileiras em que se encontravam os primeiros. Como os temas mais atuais vêm sendo objeto de publicações posteriores à aqui transcrita, é possível que, nos anos próximas, outras coleções de diapositivos sobre Aspectos do Brasil sejam dadas ao público, por este Centro.

.Os sumários aqui apresentados não são comentários para serem lidos durante a projeção mas consti-

tuem roteiros, transcrevendo sinteticamente as informações básicas sobre cada um dos temas abordados. Estas serão enriquecidas com a experiência pessoal, a cultura e a criatividade daqueles que promoverem as projeções didáticas ou de divulgação, ampliando-as de acordo com as necessidades dos diferentes auditórios a que se destinarem.

Iniciada a elaboração da presente transcrição na Diretoria do Ensino Secundário, com a transferência dos serviços áudio-visuais da CADES para este Centro, foi ela terminada na Seção Áudio-Visuais, em cooperação com a Divisão de Meios de Comunicação da USOM/Brasil, constituindo, assim, a primeira coleção de materiais para projeção fixa produzida por iniciativa do INEP, unindo seus esforços aos das demais instituições públicas no sentido de proporcionar ao professorado brasileiro materiais didáticos os mais valiosos.

ARPOADORES DE JACARÉS

Enchentes e jacarés constituem os maiores inimigos da criação de gado na Ilha de Marajó. Nas cheias, o gado procura pequenas elevações do terreno que se destacam na planície — os tesos — cuja origem se prende provavelmente ao quaternário antigo.

As caçadas do jacaré, à moda indígena, impõem-se como atividade humana no período das cheias. Uma preparação para a caça do réptil, com o arpão, é o que mostra a gravura.

2 CABOCLO

AMAZÔNICO

A população amazônica é constituída, principalmente, pelo caboclo amazônico. Este resultou quase tão somente do cruzamento do branco com o indígena.

O tipo étnico é semelhante ao do índio: pele côr de canela; barba diluída; certa obliquidade dos olhos; cabelos negros, duros e lisos; nariz chato e largo nas extremidades; sobriedade de gestos. Seu regime alimentar, preso aos gêneros de vida a que se entrega, leva-o a um baixo rendimento no trabalho. É um cole-

tor, um pescador ou um caçador. Uma vez ou outra cultiva a terra; milho, feijão, batatas, alguns legumes. Junto à cabana rústica, um mandiocal, um bananal, um cercado com tartarugas fluviais.

A moradia, coberta de palha e sobre estacas para protegê-la contra as inundações, tem no fundo a mata espessa e à frente o curso d'água, no qual flutua uma frágil canoa(a montaria). Dentro dela o arco e a flecha. O rio é a via natural de transportes e comunicações.

3 CAMPOS DO

RIO BRANCO

Os campos do Rio Branco, território atravessado pelo grande afluente do Rio Negro do mesmo nome, cobrem uma área de cerca de 35.000kms².

A cobertura principal do terreno é de gramíneas, que constituem o alimento preferido pelo gado. A área contínua e limpa desses campos é, sem preparo nem trabalho especial algum, apropriada à criação de gado vacum, cavalar e lanígero, correspondendo a clareiras abertas na imensa floresta do vale amazônico. Quem viaja pelo rio disto pouco perceberá, pois a mata alta que acompanha suas margens intercepta a vista dos campos existentes atrás dessa barragem. Aí, todos os rios correm indecisos, sem senilidade avançada, limitando-se, apenas, a transportar seus sedimentos de u'a margem para outra.

Outros riachos mansos, de águas cristalinas, cortam os campos ostentando nas suas margens renques de miritis (palmeiras). Aí o gado se refugia quando o calor é intenso, procurando, também, áreas de maior umidade, onde a vegetação se adensa formando "capões".

CASTANHAIS

Distanciada das margens do rio Amazonas, vive, em estado selvagem, a imponente "Bertholletia Excelsa", vulgarmente denominada castanheiro do Pará.

É mais frequente na "terra firme", entre os grandes afluentes do baixo Amazonas. São árvores de 20 a 30 metros de altura, ordinariamente. Seu caule é cilíndrico e sem ramos até à fronde, sua casca escura e fendida. Nas extremidades, são os ramos encurvados, as folhas esparsas. Erectas, chegam a dominar certas partes da floresta amazônica. Não são as únicas árvores a produzir castanhas, porém, as mais importantes do ponto de vista comercial. Os frutos do castanheiro encerram de 5 a 20 castanhas cada um. Frutificam aos 8 anos e só aos 12 produzem normalmente, sendo o período de amadurecimento, de 14 meses.

Os ventos e as chuvas precipitam a queda dos frutos. Nessa ocasião constitui sério perigo transitar por debaixo de um castanhal, em vista dos acidentes que a queda dos volumosos e pesados frutos pode acarretar.

Devido à altura da copa, a colheita se realiza no chão. Sob a floresta é armada uma singela barraca. Dentro dela o trabalhador aguarda o momento em que, agitados pelo vento, os galhos passam a desprender todos os frutos maduros. Cautelosamente deixa o abrigo e passa a encher o "paneiro". Recolhe-se novamente à barraca-esconderijo para aguardar nova queda de frutas.

Então, no interior do abrigo, quebra os frutos ou ouriços. Retiradas as castanhas, são elas levadas em canoas ao barracão do proprietário. Em certas re-

giões os trabalhadores navegam armados, por causa da agressividade dos índios.

Nos castanhais inexistem caminhos, ranchos ou moradores em caráter permanente. Terminada a colheita, regressam os trabalhadores para os povoados.

O castanheiro, trabalhando no período das chuvas e descansando na estiagem, é um trabalhador sazonal.

A castanha serve de alimento às populações pobres das regiões. Fornece óleo usado na fabricação de sabões, em preparados farmacêuticos, na iluminação e em maquinismo delicado.

5 GAIOLAS E

VATICANOS

O transporte, na região Amazônica, é feito pela navegação fluvial, que se realiza através do rio Amazonas e seus afluentes. Aí vamos encontrar vários tipos de embarcações desde as primitivas "ubás" até os "gaiolas" e "vaticanos". As "ubás", de casca de pau ou madeira, desconfortáveis, sem quilha, são movidas por meio de varas ou pás e constituem as canoas típicas dos selvícolas. Delas originaram-se outras, sendo mais importantes a "igarité" e as "montarias" — que possuem cascos. A primeira, reconhecível pelo casco negro e velas de pano avermelhado, tingido de mucuri. A "montaria" teve papel importante no desbravamento e na colonização da Amazônia. Serve ainda hoje de meio de transporte para o caboclo. Há a considerar, também, as "gambarras" no Pará, com uma tolda pequena e que podem transportar até 80 bois, no serviço de condução de gado da ilha de Marajó.

Entretanto é o "gaiola" apelido irônico que proveio de seu própria aspecto. Fazendo comunicar cida-

des, vilas, povoados e barracões, situados à margem dos rios, o "gaiola" tem sido fator de influência política, social e econômica da Amazônia. É geralmente de construção inglesa. Possui uma chaminé apenas, roda na popa ou nos flancos, uma ou duas hélices. No de dois conveses, situam-se, no primeiro a cozinha, rancho, camarote de oficiais, casa das máquinas e no segundo as cabines, máquinas do leme, copa, bar, despensa, instalações higiênicas, sala de refeições. Mais suntuosos porém são os "vaticanos", navios construídos nos Países Baixos, com duas chaminés paralelas, esplêndida iluminação elétrica, oferecendo maiores comodidades aos passageiros e dando a impressão de verdadeiros palácios flutuantes.

A navegação a vapor é operada, quase sempre, pelo SNAPP (Serviço de Navegação da Amazônia e Administração do Porto do Pará). A gravura representa os dois tipos modernos de navios da Amazônia: o "gaiola" e o "vaticano".

6 O PESCADOR

DE PIRARUCU

A pesca do pirarucu é uma das grandes atividades a que se dedicam os trabalhadores da região amazônica. Geralmente o pescador é um índio semi-civilizado ou um mestiço de índio com branco. A pesca se realiza no começo da vazante (agosto), ou início das enchentes (novembro).

A gravura representa a frágil canoa que é usada para a pescaria. No banco da popa segue sentado o auxiliar do pescador, geralmente um filho seu. No banco da proa o próprio pescador, às vezes sentado, outras de pé, tendo o arpão à mão direita, apontado

na direção da água. Leva, na canoa, todo o material necessário à operação da pesca: cacete para matar o peixe, faca, linhas, cestos etc. O olhar é penetrante e os ouvidos apurados. Vários são os processos empregados na captura do pirarucu. Todavia o mais usual é o do arpão. Este é um aparelho constituído de uma haste de madeira, de uns três metros de comprimento, tendo, na extremidade mais fina, um pedaço de ferro pontegudo, com duas farpas laterais voltadas para cima. A vara possui um anel por onde passa um cordão de alguns metros de comprimento. Uma ponta do cordão liga-se à extremidade mais grossa do ferro e a outra é presa ao banco da montaria.

Nos igarapés, rios mansos que fluem na floresta, o pescador, elemento humano que, como os demais na Amazônia, vive em função do regime das águas, lan-ça-se ao pirarucu, base de sua alimentação e do comércio ribeirinho.

7 PESCA DO PIRARUCU

Em geral todas as águas da Região Norte são piscosas e extrema é a variedade das espécies. Entretanto, de todos os peixes apenas o pirarucu constitui objeto de uma pescaria metódica e serve de base a uma grande indústria.

Pirarucu é nome indígena que significa: pira-peixe; urucu-fruto silvestre. Fornece uma tinta avermelhada com a qual os selvícolas tingem o corpo. É um peixe de 2 a 2 e meio metros de comprimento, cabeça grande terminada em focinho, corpo cilindrôide, ventre claro e dorso mais escuro. O pescador de pirarucu é tenaz e simples. Sua casa modesta é erguida sobre paus toscos e coberta de palha. Comumente não pos-

sui divisões internas. É um mixto de habitação e armazém, isto é, depósito de peixe.

Em geral, o pescador se orienta pelas bolhas de ar que se formam à superfície do rio. A vinda do peixe, à tona d'água, o expõe ao golpe seguro do pescador que lhe lança o arpão, certo, no dorso. Ferido, arrasta o barco em corrida vertiginosa, enquanto o pescador vai colhendo e soltando o cordão, até que o peixe é morto mediante pancadas de cacete. Logo após é lançado à praia, a fim de ser-lhe tirada a pele, ser retalhado e então, a carne é salgada e as postas largas penduradas ao sol em varas compridas. Depois de seco é arrumado em pacotes atados com cipó. São esses pacotes empilhados sobre grades e abrigados da umidade.

8

REGATÕES

Os regatões são traficantes que, em pequenas embarcações, levam aos mais variados pontos da região Amazônica mercadorias nacionais ou estrangeiras para serem vendidas a dinheiro ou permutadas pelos produtos do país. Esse comércio se faz, principalmente, pela troca de objetos e raramente por intermédio da moeda.

A penetração na região é feita através da vasta rede fluvial da bacia amazônica, sendo utilizada como embarcação — a canoa — nos seus mais diversos tipos. É dividida em seções de secos e molhados. A parte da popa fechada em redor, onde mora o dono, possui uma porta para vante e outra para ré. Dentro desse compartimento, em prateleiras, encontram-se os mais diferentes artigos: agulha, espingarda, fósforo, cigarro, seda, baralho de carta, escova de dentes, coroa de

defunto, lenço, cobertor etc. Fora, nas amuradas de madeira, vê-se o nome da galeota.

Atualmente é possível distinguir 3 tipos de rega-tão: o pequeno, o médio e o grande.

O pequeno é o tradicional mascate estabelecido em pequeno batelão, coberto de palha e tocado a remo. Vende em geral tudo que se pode condenar: a cachaça, as cartas de jogar, etc. Furta a borracha dos seringueiros. Penetra até os mais remotos sertões. É o tipo clássico do espoliador. Visa os seringais menores, totalmente desprotegidos.

O regatão médio usa uma pequena lancha de motor ou de vapor. Procura manter transações mais ou menos legais. Seu comércio é lícito e de maior envergadura. Possui pequenos capitais e em sua lancha pode levar um pouco de tudo. Leva, aos seringais mais afastados, certo conforto material.

Os grandes regatoes estabelecem-se, de preferência, numa boca de rio, donde passam a irradiar seu comércio. Dela fazem partir pequenas embarcações, depois de criados espécies de entrepostos mantidos com capitais próprias. Nas bocas de rio constroem verdadeiros armazéns.

Em certas regiões, os regatões são mal recebidos pelos seringalistas, pela concorrência que fazem ao armazém do dono do seringai.

Depois de alguns anos, o regatão estabelece-se nas capitais e torna-se fornecedor dos vários artigos para os rincões da Amazônia.

9

SERINGUEIROS

São os seringueiros as principais figuras da exploração da borracha. E é o seringalista o chefe, o patrão ou o dono do seringai.

Grandes áreas de terrenos, de propriedade de um indivíduo, encerra o seringai, além do "barracão" onde mora o dono ou concessionário, uma ou duas "barracas" habitadas por seringueiros e sua família. Nas adjacências encontra-se o "campo", pasto para os animais e criação miúda. No "centro", em meio a outras árvores, acha-se a seringueira facilmente reconhecida pelo "mateiro" na arriscada profissão de abridor de picadas na floresta, as quais percorre na sua faina de realizar incisões nas árvores e colher o látex, que escorre das sangrias.

A coagulação do líquido, processada na barraca pelo sistema indígena da defumação, dá em resultado a borracha, objeto da indústria extrativa principal da região. É a Hevea Brasiliensis que fornece a borracha de melhor qualidade. Os seringueiros são naturais da região ou nordestinos cearenses emigrados em consequência das secas. Os primeiros trabalham nos seringais envelhecidos das ilhas e terras planas do baixo Amazonas. Os emigrantes cearenses chegados pelas "gaiolas" são encaminhados pelo mateiro para os "centros" quase sempre ainda virgens do trabalho humano. O equipamento de um seringueiro se reduz a: faca, balde, tigelinhas, bacia, boião, forma ou tari-boca.

O seringueiro das ilhas, embarcado na "montaria", só depois de nascido o sol, parte para o trabalho, na vazante da maré. É um emérito canoeiro e um ictiôgrafo que contrasta com o andarilho das cabeceiras, cuja alimentação essencial é constituída de feijão e assado de jabá (carne seca). O seringueiro das cabeceiras é madrugador, às 3 horas já se encontra preparado para a luta, ostentando terçado à cinta e rifle a tiracolo. Para o trabalho à noite usa capacete de latão, sobre o qual assenta a lamparina de quero-

sene. Sua "estrada" é quase sempre a de "fecho" na "boca", de sorte que, após haver descrito uma volta encontra-se de novo ao pé da residência. Em uma segunda etapa, dá novo mergulho na floresta, afim de recolher o látex das tigelinhas embutidas, pela manhã, no corte das madeiras.

Na barraca inicia então o preparo da borracha: fabricando as "bolas" que, depois de marcadas, seguem pelas tropas de burros, ou em canoas descem o curso d'água, em busca do barracão do seringalista, onde o serviço é pago.

Como a seringueira é árvore principalmente da várzea, o seringueiro interrompe seu trabalho no período das cheias.

10 TRECHO DE UM RIO

NA AMAZÔNIA

A gravura mostra-nos um trecho de rio, na Amazônia, marginado pela floresta densa, entrelaçada de cipós. Nela encontram-se árvores gigantescas de quarenta e mais metros de altura.

O clima quente e úmido e o terreno aluvionar favorecem a exuberância da vegetação que, avançando para o rio, protege as margens contra a erosão.

Aí vemos um batelão rebocando uma pequena canoa — a montaria. Esta corresponde, nos transportes da região amazônica, ao animal da sela do Brasil Central e Meridional.

Note-se como os tripulantes tiram proveito da vegetação marginal, servindo-se dela como ponto de apoio para impelir a embarcação por meio de ganchos e forquilhas.

VAQUEIRO NO MARAJÓ

Quase plana, a ilha de Marajó apresenta um solo sedimentado, resultante do acúmulo das aluviões do grande rio Amazonas. Assim, rica em detritos orgânicos, é de uma fertilidade considerável. Imensas campinas descortinam-se na parte oriental da ilha, onde se torna fácil a criação do gado pela excelência das gramíneas.

Ao lado dos "mondongos", depressões lacustres, encontram-se nas campinas os "tesos", tratos de terras que sobressaem do nível das águas durante as enchentes. Os tesos são às vezes aproveitados para a construção das habitações das fazendas. As casas, edificadas sobre esteios, ficam suspensas do solo, acima do nível máximo das inundações. Antes de ficarem os campos alagados, o gado é recolhido às "marombas", estrados elevados sobre estacas, onde o rebanho passa o período das chuvas, alimentando-se com a canarana, gramínea de grande porte, nativa da ilha.

O gado de Marajó é o resultado de longa mestiçagem, principalmente com o zebu e o búfalo. Marajó possui cerca de milhares de reses, distribuídas pelas suas centenas de fazendas. O gado é destinado ao corte, abastecendo principalmente a cidade de Belém.

O tipo étnico característico do vaqueiro de Marajó é o caboclo, mestiço de branco e índio. Trabalha para o fazendeiro, do qual recebe salário, casa e alimentação. Sua vestimenta é sóbria, camisa e calça de pano claro, chapéu de palha de trançado muito unido, com abas largas e planas, copa achatada e forrada. O espaço entre a copa e o forro é cheio de folhas secas, como defesa à ação dos raios solares e imper-

meabilizante à água da chuva. No período das cheias, o vaqueiro serve-se do boi como montaria, para atravessar os alagados.

12 VAQUEIRO DO

RIO BRANCO

O vaqueiro do Rio Branco, oriundo das tribos circunvizinhas, contrasta com os tipos clássicos da nossa atividade pastoril, existentes na campanha sul rio grandense e na caatinga espinhenta e resseguida do sertão nordestino. Não usa indumentária especial, como no Nordeste ou no Sul, mas traça de maneira adequada ao desempenho da profissão. Não tem necessidade de se vestir de couro da cabeça aos pés, como acontece com o campeiro do Nordeste ao enfrentar a agressividade do meio físico. Usa casaco de mescla ou blusão de algodãozinho, polainas e sandálias de pele de veado e chapéu de palha, ordinário. Dispensa, por desnecessárias, as resistentes luvas de couro tão úteis e caras ao profissional do gado do Nordeste, e o cha-pelão de abas largas, típico do vaqueiro marajoara.

As fazendas no Rio Branco dividem-se em "retiros", cada qual com seu encarregado subordinado ao "capataz" da fazenda, que a administra em nome do dono. Os peões são escolhidos entre os índios mansos ou mestiços, que mais facilmente se adaptam às condições da região e exercem a profissão a baixos salários.

Tendo o direito de matar gado para o própria consumo, o vaqueiro do Rio Branco é um carnívoro que se alimenta, preferentemente, de carne cozida, leite, farinha e café.

Com o laço de couro, de uns 20 a 30 metros de comprimento, parte para o serviço diário, ao qual se aliam os préstimos do cavalo.

Honestos, bons, prestativos, com imenso apego à família, eles realizam a árdua tarefa da humanização de uma paisagem distante dos grandes centros civilizados.

13 VER-O-

PESO

O VER-O-PESO, mixto de doca e mercado popular, constitui um dos aspectos mais característicos do porto e da cidade de Belém, com seu animado comércio de verdadeira feira-livre.

Às primeiras horas da madrugada, conduzidas por caboclos amazônicos, aportam embarcações de todos os tipos, repletas de peixes e outros géneros alimentícios, a fim de abastecerem a capital. Vêm elas de fazendas e sítios das proximidades de Belém, ou de zonas afastadas, como Marajó e outras ilhas da região.

Após se valerem das condições favoráveis dos ventos e da maré, as embarcações chegam às docas de VER-O-PESO, onde são recolhidas as velas e feito o trabalho da atracação. Uns têm barcos próprias, outros trabalham para terceiros. No cais a freguezia já se agrupa para o primeiro contacto com os vendedores. Um vozerio logo enche o local, repleto de pessoas de todas as categorias sociais.

O peixe, o feijão, as frutas, as galinhas e as tartarugas, os cestos de tangerina, os sacos de bacaba e de açaí, as cordas de caranguejos e as pencas de bananas, as verduras de toda a sorte, tudo isso é desembarcado e colocado no chão, ou espalhado sobre mesas toscas a fim de ser vendido ao povo.

Próximo, no interior do Mercado de Ferro, a mesma desordem se reproduz. Os produtos à venda espalham-se e amontoam-se pelo chão. Dobre-se a

esquina do mercado, seguindo o cais nos seus ziguezagues e a feira continua animada e pitoresca.

No tempo de governo colonial, foi criada uma repartição fiscal encarregada de cobrar impostos pela entrada e saída dos géneros destinados ao consumo público. Os colonos passaram a chamar a casa onde iriam ver o peso verdadeiro, o ver-o-peso da mercadoria e pagar a contribuição devida, de "Casa de Vero-Peso" que depois passou, por simplicidade eufônica a chamar-se de Casa de Ver-o-Peso. O vocábulo es-tendeu-se a toda a área de terreno em derredor, inclusive a doca usada pelos canoieiros — DOCA-DÔ-VER O-PESO.

Na região Amazônica, Belém encontra-se numa situação estratégica de muita importância, ligada à selva e ao mar, verdadeira porta de entrada do seten-trião brasileiro.

14 AS USINAS

DE CAROÁ

Presentemente, no sertão do NE, a extração das fibras de caroá é feita por processos rudimentares ou, ainda, pela "usina", também chamada a "desfibrado-ra", a "beneficiadora" de caroá, ou, ainda, a "fábrica".

Nos processos tradicionais, vamos encontrar o sistema de desfibrar deixando-se as folhas de molho de quatro a sete dias, fazendo-se, depois, a "batedura" contra um lajedo ou um tronco de madeira sólida. Em seguida, outro banho e nova batedura até que se desprenda toda a polpa, ficando somente as fibras de caroá.

Há ainda a maneira mais primitiva de obter a fibra, mediante a raspagem da folha. Esses processos, conhecidos dos indígenas, são ainda usados pelo ser-

tanejo do Nordeste, que mantém, assim, uma pequena indústria doméstica com a fabricação de cordas e redes.

As usinas são construções, em geral, de tijolo e telha, onde se acham as "máquinas desidratadoras", as "prensas" e os "cordões de secagem". As máquinas desidratadoras possuem dois rolos estreitos, dentados e bem ajustados, movidos a vapor ou a óleo. Este combustível encarece muito a produção. A pessoa que trabalha nessas máquinas é chamada "desfi-brador". Com luvas de couro ou da própria fibra, êle coloca duas ou três folhas entre os rolos, segurando uma das extremidades com firmeza. As folhas são em seguida puxadas. Repete-se a operação, desta vez pela outra extremidade do caroá, de tal modo que, terminada a operação, resta apenas um feixe de fibras esbranquiçadas. Estas são colocadas nos "secadores", fileiras de arame ao ar livre e, depois de secas, recolhidas para serem catadas. Esta operação penosa se realiza na casa dos operários. As mulheres ocupam-se de tal mister. São então separados os fios maiores dos menores e os imprestáveis encaminhados para confecção de estopas e outros produtos grosseiros. Depois de catado, o caroá volta à usina para a operação final, que é a de "prensar" as fibras em fardos. Estes seguem para os depósitos ou diretamente aos compradores. Em Pernambuco, toda a produção é encaminhada à Cooperativa de São Caetano, órgão que supervisiona e orienta essa indústria. Na cooperativa, o caroá é classificado em padrões.

As grandes usinas, em geral, pertencem às fábricas de fiação, tecelagem, etc. ... que mantêm técnicos em trabalhos não só de apuração da espécie, como, também, para a sua exploração vantajosa. Essas usinas possuem casas para operários, escola, ambulatório, cooperativa...

As usinas distribuem-se por todo o sertão nordestino, mas, principalmente no Oeste de Pernambuco, que foi o pioneiro de tal indústria.

Observa-se um deslocamento periódico das usinas, motivado por fatores diversos:

- a) a maioria dos catadores faz disso um meio subsidiário de manutenção;
- b) o rápido esgotamento da lenha que serve de combustível;
- c) a falta de folhas de caroá, apesar de sua rápida renovação, em três ou quatro meses;
- d) a falta de água no local.

15

AGRESTE

Com uma flora intermediária entre a mata e o sertão, encontram-se disseminados por todo o Nordeste verdadeiros parques ajardinados, conhecidos pelo nome sugestivo de "agrestes". Apesar do solo pedregoso e arenoso, consegue a vegetação expandir-se, graças a frutos com espessas polpas farináceas, que facilitam a germinação e a uma folhagem coriácea, organizada de modo a resistir à perda excessiva da água pela evaporação.

Desenvolvem-se, nos "agrestes", árvores altas e isoladas, intercaladas de arbustos. O solo atapetado de relva é embelezado de longe em longe por palmeiras de pequeno porte. Nele se transita facilmente, livre como é de cactáceas hostis.

Os "agrestes" encontram-se em todo o Nordeste, mas de preferência junto à mata da encosta atlântica. A maior extensão destes parques pertence ao Piauí. Ao Norte deste estado há invasão dos cocais de babaçu,

o que vem reforçar o aspecto de zona de transição do agreste. No agreste, encontramos belas associações de arbóreas, tais como o jatobá, a sucupira, as bocaiuveiras, as carnaubeiras e outras magníficas palmáceas, além das espécies herbáceas e arbustivas.

Embora seu solo não seja muito própria para a agricultura, pode ser utilizado com vantagem para a pecuária. As derrubadas e queimadas reduziram a área ocupada pelos agrestes. Entretanto, por meio da açudagem, da drenagem, dos postos agrícolas e do reflorestamento, tem-se procurado aproveitar os milhões de metros cúbicos de água que, nos tempos chuvosos, tombam perdulàriamente nos solos pedregosos e areentos do "agreste" e do "sertão".

16

AGUADEIRO

O abastecimento de água domiciliar, nas regiões montanhosas, é feito com relativa facilidade. É ela desviada das nascentes, por meio de canaletes, para o lugar de sua utilização. A facilidade de água permite a dispersão das habitações pelas encostas mas, às margens dos grandes rios, à medida que se aglomeram os povoadores, já se impõe o serviço de abastecimento coletivo. Nas zonas do São Francisco, poucas localidades o possuem, tornando-se necessários outros meios de fornecimento de água, como ocorre na região nordestina semi-árida, que alcança o curso médio daquele rio.

Os habitantes se instalam distantes da beira d'água, fugindo das inundações calamitosas, tão destruidoras como as secas periódicas. É mister promover o transporte da água. Os menos dotados de re-

curtos financeiros usam utensílios de barro, bilhas ou potes que, uma vez cheios, as mulheres equilibram na cabeça com admirável perícia. Para os que podem pagar, oferecem os "aguadeiros" os seus serviços. Incumbem-se da distribuição de água aos moradores, mesmo aos mais distantes da barranca do rio. Para isso utilizam-se da energia e mansidão do jumento, muito mais sóbrio e resistente que o cavalo. Submisso, quando não empaca, deixa-se conduzir pelo cabresto. Suporta carga desproporcional ao seu tamanho. Ao lombo acomoda-se-lhe a cangalha, rudemente almofadada de capim, munida de ganchos onde se dependuram os reservatórios de madeira.

Na gravura vemos o aguadeiro de calças arregaçadas, para não se molhar, a camisa de mangas curtas, já de regresso do rio, conduzindo o pequeno animal. O aguadeiro surge, também, nas regiões de rios perenes, nas áreas onde há açudes e cacimbas.

17 AGUA DE CACIMBA NO NORDESTE

No Nordeste brasileiro, a água consumida provém quase sempre dos açudes e das cacimbas. Com exclusão do São Francisco e do Paraíba, os rios da região não são permanentes. Chegado o verão, a água se evapora, os rios secam. Esses terríveis transtornos se refletem na vida econômica. No longínquo sertão, pouco favorecido pelas iniciativas oficiais de combate às secas, o homem trava intensa luta contra a adversidade do clima que lhe dizima os rebanhos, lhe rouba as energias, trazendo aos lares a miséria e a desolação. A água escasseia, as pedras chamuscam, nos campos

irrompem os incêndios provocados pela combustão fácil dos paus ressequidos.

Nos solos argilosos, a umidade permanece verão a dentro. A argila pegajosa, espessa e plástica, impede a evaporação rápida, concentrando consideráveis e generosos lençóis de água potável. É o "brejo". Nele são abertas cacimbas, onde o povo humilde busca a água que nasce vagorosamente. Ocorrem, ainda, as cacimbas, nos leitos arenosos dos rios que secam por falta de chuvas.

Vemos, na gravura, uma cacimba de construção rústica. Um grande círculo é feito no chão, com pás e picaretas. O círculo se aprofunda até os primeiros vestígios de água. Se o líquido atinge alguns palmos, permite o consumo imediato. Uma romaria converge para o local. Em pouco a cacimba seca. Prosseguem-se as escavações, em círculos menores, à procura de novos veios. E, assim, anda o povo quilômetros e quilômetros, com seus vasilhames, seus animais emagrecidos e seus músculos exaustos, em quase peregrinação, procurando a água, fator indispensável à vida.

18

BABAÇUAIS

Os babaçuais formam, no Nordeste Ocidental, florestas densas de palmeiras.

O babaçu é palmeira bem adaptada ao Piauí e Maranhão. Aí prevalece a *Orbignya Martiana* de maior valor comercial. Sua zona típica tem pronunciada penetração NE-SO, ficando sua maior ocorrência na região de transição da floresta equatorial para a tropical.

No Maranhão, os babaçuais localizam-se na Baixada Maranhense e no planalto, cobrindo uma área equivalente à quarta parte do território maranhense. Grande riqueza vegetal, o babaçu não teve ainda exploração e aproveitamento de acordo com suas possibilidades comerciais. Do babaçu se aproveita tudo. O espique é usado como esteio, as folhas secas empregadas no fabrico de chapéus, bolsas, esteiras. Das espátulas fazem-se cestas e peneiras. As sementes dão cerca de 65 % do seu peso em óleo alimentar. A torta, cu bagaço das sementes, é bom alimento para o gado. A casca do coquilho é excelente combustível e fornece Ótimo carvão. Do babaçu extrai-se ainda alcatrão, ácido acético, álcool metílico etc.

A colheita do babaçu existe, sem dúvida, mas não conseguiu desviar totalmente o trabalhador rural das suas roças. O homem do campo só sente a necessidade de trabalhar nos babaçuais quando impelido pela penúria do dinheiro. Então, êle, a mulher e os filhos, passam horas a fio na faina do quebra cocos. O trabalho de apanhar o coco pertence ao homem. As mulheres e as crianças encarregam-se de quebrá-los.

A produção de coquilhos varia muito. Dependendo de fatores mesológicos, a palmeira pode chegar a fornecer 800 cocos por ano.

A exploração do babaçu, por ser instável, não é ainda um género de vida no Brasil. O caboclo prefere trabalhar na agricultura de subsistência e nas plantações de algodão. Nos tempos de penúria, dirige-se aos babaçuais.

Encontra-se, pois, o babaçu numa situação de sub-aproveitamento devido à carência de braços, à falta de maquinismos que permitam um melhor aproveitamento dos cocos e à deficiência de vias de transporte.

19

BALSAS

As balsas constituem um dos meios de transporte mais cômodos, econômicos e seguros que encontramos no interior do Brasil, mesmo nos grandes rios navegáveis — Amazonas, São Francisco, Paraná e Paraguai.

Mas é sobretudo no rio Parnaíba, entre o Piauí e o Maranhão, que elas são mais comuns e constituem uma curiosidade das margens desse rio.

As balsas servem, tanto na condução de passageiros para a descida dos rios, como no transporte de mercadorias. De dimensões maiores que as jangadas, diferem destas pela circunstância de possuírem um estrado, flutuando acerca de meio metro ou mesmo um metro da superfície líquida. O material de sua construção é constituído por grandes feixes de folhas e pecíolos de buriti, e ainda por cipós resistentes utilizados à guiza de corda. Devidamente secos, possuem os pecíolos magnífica flutuação e representam, pois, material de primeira ordem para a construção dessas pitorescas embarcações do Brasil interior.

Unidos os grandes feixes de folhas e pecíolos de buriti, por meio de cipós, forma-se, com o conjunto, um assoalho compacto e reforçado de varas possantes. Tem-se, desse modo, o fundo da balsa, sobre a qual pode erguer-se uma cobertura de palha, ainda de buriti, e de altura aproximada de um homem em pé. Aí se abrigam, das chuvas e do sol, o proprietário e demais viajantes, bem como a carga, quando existe. Esta é representada por fardos de algodão, montes de cana de açúcar, rolos de tabaco, sacos de arroz, feijão, etc, além de pilhas de couro seco, peles, charque, maniçoba,

aguardente, farinha, rapadura, fibras várias e até cal. É uma verdadeira casa flutuante e, ao mesmo tempo, meio de transporte e oficina de trabalho

As balsas descem o rio ao sabor da correnteza, mas sob o controle dos balseiros. A direção é dada, durante a viagem, por meio de compridas varas. A caça e a pesca constituem indispensável passatempo durante a viagem. As aves cruzam os ares. Os jacarés emergem dos rios. Nas margens, as praias imersas no escuro dos babaquais. Nas clareiras — de quando em vez — alguma fazenda, um certo rancho solitário.

Entretanto, à medida que a civilização vai impondo seus recursos, as balsas vão desaparecendo e as referidas regiões perdem um pouco de seu pitoresco.

20

CAATINGA

Cobrindo uma área superior a 500.000 km.², a caatinga é a vegetação característica dos sertões nordestinos assolados pela seca. Não constitui uma área contínua. Ilhas de umidade maior nas "serras" e em torno das chapadas interrompem as caatingas, que predominam em regiões semi-áridas, de baixa nebulosidade e elevada insolação, sujeitas a calamitosas estiagens e sem rios perenes.

Não possui estações e sim dois períodos: o "verde" ou "inverno", que varia entre 3 a 6 meses, e o "seco" ou "verão", entre 7 e, periodicamente, até 20 meses.

Nos meses verdes, logo às primeiras chuvas, surge uma vegetação rasteira de grande valor nutritivo para o gado. Ao mesmo tempo, as plantas xerófilas, as únicas permanentes, reverdecem, contribuindo com bom teor alimentício. Seguem-se os meses secos, os

anos calamitosos, permanecendo, apenas, aquela vegetação capaz de, por sua estrutura, subsistir à inclemência do calor e da seca.

É o que nos mostra a gravura.

Apesar de espinhosa e agressiva, essa vegetação socorre o homem e os animais nos momentos de aflição, guardando em seu organismo a água e o alimento de que eles necessitam.

21

CANAVIAL

As primeiras mudas de cana de açúcar foram enviadas ao Brasil no tempo de sua colonização. Portugal contava, então, com uma adiantada indústria açucareira, na ilha da Madeira. Encontrando solo e clima apropriados, desenvolveram-se extensos canaviais, fundaram-se engenhos e essa indústria tornou-se base da economia colonial, fator de colonização, povoamento e civilização. Isto até meados do século XIX, quando outro produto, introduzido no Brasil, conquistou-lhe o monopólio da economia nacional — o café. Em São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, as plantações canavi-eiras foram logo substituídas por extensos cafezais. Entretanto o Nordeste, de terras não favoráveis à cultura do café, conservou-se com o grande parque açucareiro do Brasil. Mais tarde, com as frequentes crises econômicas do café, São Paulo e Minas tornaram à antiga indústria, com grandes usinas e novos centros produtores.

A cana de açúcar é uma gramínea que requer calor e umidade para seu pleno desenvolvimento. As épocas das chuvas fracas são as mais propícias para o seu plantio, a fim de que não sejam prejudicados os

tenros brotos. A safra deve coincidir com o período da seca. Isto influi na qualidade do produto e facilita o corte e o carreto. Nesta época, homens e mulheres entregam-se ao corte das canas que, transportadas pelas estradas de ferro particulares, pelos carros de boi ou ainda por burros de carga, vão às usinas e engenhos, onde se trabalha dia e noite no preparo do açúcar.

As culturas se estendem sempre pelas várzeas dos rios e pela faixa litorânea.

Os rios facilitam o escoamento do produto e suas águas movimentam a roda dos engenhos e atendem às necessidades das grandes usinas.

São os terrenos aluvionais ricos de matéria orgânica e permeáveis, o habitat preferido para o cultivo da cana.

Embora o solo massapé seja o eleito para a plantação de cana de açúcar, na prática planta-se a gramínea onde o clima quente e úmido o permita.

Entre os estados do Nordeste e os estados do Sul, há a diferença no sistema de trabalho agrícola e na questão da propriedade açucareira, o que mostra as influências econômicas e históricas nas estruturas agrárias do Brasil.

Atualmente, na fase da grande indústria do açúcar, na região NE por suas tradições e pela descontinuidade de suas várzeas, o fornecedor de cana é latifundiário. (Já em Campos, Estado do Rio, a imensa várzea do baixo Paraíba do Sul foi um dos fatores de pequenas propriedades. Atualmente observa-se uma concentração de terras na planície fluminense).

Hoje, nos grandes canaviais do Brasil, já se adotam os processos modernos de lavoura mecânica e racional.

A irrigação e adubação são praticadas a fim de recuperarem-se as terras já esgotadas, restituindo-lhes os elementos nutritivos.

22

CARNAUBAIS

No Nordeste Ocidental, a ocorrência dos carnaubais está ligada à existência da água.

Planta gregária e hidrófila, a carnaubeira(co-pernicia cerifera) se desenvolve à maravilha nos vales fluviais. Pertence à família das palmáceas. É uma linda palmeira, esbelta, de caule cilíndrico, ereto e em geral indiviso, que atinge 16 a 20 metros de altura, apresentando na base restos de pecíolos, dispostos em espiral. O caule é encimado por um leque de folhas.

No período seco, para proteger a planta contra a inexistência da água, as células epidérmicas das folhas se revestem de uma camada de cera, mais abundante e de melhor qualidade nas folhas novas. É uma auto-- defesa. A matéria cerosa impede a transpiração, o que implica numa considerável economia de água.

De todas as partes da carnaubeira o homem tira proveito. Ela é a "árvore da vida". Nas casinholas da região, as paredes, portas, janelas e coberturas, são contruídas com materiais retirados dos carnaubais. Os homens que nelas vivem usam chapéus, bolsas sur-rões e vários outros objetos fabricados com folhas da palmeira. Cercas, jiraus, lastros de camas, rolhas de garrafa, postes telegráficos, pilares de pontes, tudo provém delas.

A carnaubeira e seus produtos condicionam a adaptação humana ao meio físico ingrato, criando um género de vida único no Brasil e talvez no mundo e fornecendo

trabalho à massa anônima do sertão, que sofre os efeitos das secas por que periodicamente passa o Nordeste.

Embora cada carnaubeira dê, em média, de 60 a 80 gramas de cera, ainda não foi possível industrializá-la como seria de desejar.

Existe, entretanto, largo e intenso aproveitamento industrial dos seus produtos: fabrico de velas; preparo de couros, cera de calçados e madeiras, lubrificantes e outros produtos; manufatura de isolamento para cabos, discos fonográficos etc.

Estendendo-se desde o Pará e Maranhão até Bahia e Goiás, os carnaubais representam verdadeiras "ilhas humanas" da zona do Nordeste flagelado pelas secas.

23

CAMBITEIROS

Cambito é uma rústica, longa e resistente forquilha de madeira. Em numero de quatro, são presas, duas de cada lado, por uma das extremidades, aos "cabeçotes" das cangalhas dos animais que transportam, principalmente, cana de açúcar.

Chama-se cambiteiro o trabalhador rural que conduz os animais munidos de cambito.

É nos latifúndios da indústria açucareira que vamos encontrar, com frequência, tal sistema de transporte.

Mesmo nas usinas com ferrovias próprias, a presença do cambiteiro não foi banida. É que êle, conduzindo seu animal, se afunda no canavial acompanhando o serviço de "corte" e transportando as canas daí para o ponto onde a composição ferroviária vem buscá-las.

Durante o serviço ouvem-se amiúde as seguintes interjeições emitidas pelo cambiteiro! "Encosta meladinho". "Vamos estrela!" "Segue catavento!" além das trovas com que procura amenizar a rudeza do trabalho.

24 CERÂMICA

POPULAR DO NORDESTE

Diz-sé que a cerâmica é a mais antiga das artes. O fato é que, em escavações descobertas, tem a ciência encontrado na cerâmica um eficiente auxiliar nos estudos que visam o conhecimento dos costumes e das épocas.

Atualmente há dois tipos de cerâmica: a de qualidade superior, produzida em grandes fábricas sob um rigor técnico absoluto e a ingénuo ou popular onde se manifestam os rudimentos espontâneos de uma arte sem preconceito através da poesia rude da alma do povo.

No Brasil, nas feiras típicas do interior, é comum a exposição de cerâmica, cuja procedência se denuncia pela qualidade da argila e o acabamento das peças. Em Nazaré, Bahia, há os especialistas em caxixis, louça em miniatura, cuja venda só se verifica na sexta-feira santa, constituindo, assim, uma prática que o sertanejo soma a outras atividades de fundo religioso, nesse dia.

Sem desprezar outras cerâmicas, em cujo rol poderíamos incluir a de Belém, Pará, onde a influência portuguesa é bem acentuada, convém salientar a "louça de barro", de Granja, no Ceará. É uma cerâmica de rotina: potes, panelas, alguidares, moringas, pratos e vasos, toda variedade de vasilhas indispensáveis à cozinha pobre.

Tomam parte na sua execução mulheres e meninos.

O trabalho da louceira é penoso e começa quando o barro fica no ponto, já triturado e transformado numa pasta uniforme e macia. A peça é trabalhada até atingir o "arremate" de uma jarra, por exemplo, que é posta num jirau ao lado para secar.

A queima é uma das fases mais delicadas da louceira. Trata-se de evitar a todo custo que as peças se quebrem quando arrumadas no forno.

Estas, depois de esfriadas, recebem o acabamento final: leves desenhos de singela geometria, cujos motivos principais são flores e folhas.

25 COQUEIRAIS DAS PRAIAS DO NORDESTE

No litoral nordestino descortinam-se os coqueiros esguios, imprimindo à paisagem feição tropical.

O coqueiro — *Cocos Nucifera* — cresce desde o Pará até São Paulo, de preferência ao longo do litoral; com mais intensidade, aparece no Maranhão até à região dos Abrolhos, na Bahia. No entanto, é uma planta exótica, tendo-se adaptado à região litorânea brasileira.

A vizinhança do mar apresenta condições propícias : temperaturas elevadas, chuvas regulares.

Os solos de areia são favoráveis, numa orla praiana estreita, até onde chega a influência das águas mineralizadas do mar.

O mar, lançando nas praias apreciável quantidade de algas, faz adubação natural e necessária à vida e ao rendimento da planta.

Avalia-se em cinco milhões o número de coqueiros existentes no Brasil, cabendo a maior parte à Bahia.

Entretanto, a produção brasileira ainda é muito inferior à dos principais exportadores. O nosso rendimento por pé e por ano é bastante escasso e irregular.

Um cultivo mais racional e eficiente combate às pragas, levarão os coqueiras a uma produtividade excelente.

Dentre as diversas utilidades do coqueiro podemos enumerar: o coco, Ótimo alimento; o palmito, consumido como alimento de fino paladar; a água de coco, nutritiva, diurética, higiénica e refrescante; o leite de coco, a farinha de coco; as fibras preparadas com a casca externa do fruto...

A gravura reproduz um trecho de litoral nordestino, onde junto ao mar se levantam extensas formações destas palmeiras, vergadas pelos ventos e com as raízes expostas pelo movimento das areias. O tronco cilíndrico, por sua particular estrutura, bem como o forte enraizamento, permitem ao coqueiro resistir aos vendavais, dobrando-se, flexuoso, sem partir-se.

26 COLHEITA DA

CARNAÚBA

O Brasil apresenta nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, vastas extensões de terra onde se encontram os maiores car-naubais nativos do país.

É a carnaubeira uma palmeira que, pela conformação do seu porte e pela resistência que oferece às mutações do clima, constitui um espécime que caracteriza a região. Seus frutos se assemelham a uma azeitona e são de sabor agradável quando maduros. O caroço muito duro, uma vez seco, é torrado com café para melhor gosto deste, segundo a opinião dos sertanejos.

Para a extração da cera, a palha é cortada por um caboclo idoso que teve tempo de aprender as manhas do vento. É um serviço cheio de perigo, ao menor descuido. A copa da carnaubeira é muito alta e, para alcançá-la, tem o caboclo que usar uma foice recurva engastada na ponta de uma longa vara. Uma vez abatidas, as palmas são esfiapadas e expostas a secar ao sol.

Ficam, então, cobertas de um pó ténue e branco, que exige trabalho cuidadoso e demorado para ser extraído. Numa câmara hermeticamente fechada, ba-tem-se de leve, uma por uma, deixando cair o pé em alguidares que são levados ao fogo. Derretida aos 59 graus de calor, a cera é posta a coagular em formas que variam de tamanho, conforme a conveniência. Este processo é rudimentar e pouco rendoso.

No Ceará e Piauí, já existem áreas de carnaubais cultivados com aproveitamento mais compensador, em consequência da técnica e aparelhagem moderna nelas utilizadas.

A cera é produto de maior cotação na América do Norte. Além deste produto, a carnaubeira fornece material para redes, bolsas, chapéus, filmes, tintas, vernizes etc. O reaparelhamento industrial das áreas de ocorrência da carnaúba possibilitará um melhor aproveitamento da preciosa palmeira.

27 ENGENHOS E

USINAS

Na indústria açucareira do Brasil, contrastando com as grandes usinas modernamente aparelhadas, subsistem ainda os engenhos do tipo colonial. Há os movidos por animais — que no caso de serem bois, são chamados "trapiches".

Funcionam outros, movidos pela água, com as três variantes: "copeiro", "covillete" ou "meio copeiro" e o "rasteiro", conforme o lugar onde o líquido cai sobre a roda do engenho. Finalmente os engenhos a vapor. De uma forma geral, no Nordeste úmido coexistem os "banguês" coloniais e as grandes usinas modernas.

Nos banguês, na época da safra, a atividade é intensa. As canas, trazidas pelos carreiros nos seus carros de bois ou pelos cambiteiros nos seus burros, vão para as moendas de madeira.

O caldo, recolhido em grandes tanques, é levado às caldeiras para ser cozido a fogo cru. Vai, depois de limpo, para os tachos de cobre onde é engrossado e batido. Levado para a casa de purgar, o melado é posto em formas de barro, madeira ou ferro que, colocadas sobre táboas furadas, deixam escorrer o mel que pode ser aproveitado para a fabricação do açúcar de retame, ou para a destilação de aguardente em alambiques de cobre ou de barro.

Produz-se assim um tipo inferior, o açúcar bruto que pode ser seco ou melado, purgado mascavo ou de retame.

São os mesmos processos, os mesmos métodos rotineiros e atrasados que, atravessando séculos, ainda persistem na primitiva indústria açucareira do banguês.

A decadência destes engenhos não tardou a surgir, vencidos pela técnica e industrialização sempre crescente.

Como os primeiros banguês, também as usinas se localizam de preferência à margem dos rios, atendendo às necessidades de abastecimento de água para as caldeiras^ limpeza das máquinas etc. além de serem as terras marginais mais propícias à plantação.

A evolução da indústria do açúcar verificou-se principalmente em Pernambuco, Alagoas, Sergipe,

Bahia e Paraíba. As crises que atingiram a produção açucareira levaram os antigos banguzeiros a se tornarem fornecedores das modernas indústrias. Estas, com o tempo, tornaram-se latifundiárias modificando-se assim a estrutura econômica e social das zonas produtoras. Os meios e as vias de transporte evoluíram do mesmo modo e as redes de estrada de ferro estenderam-se entre os canaviais.

Na época dos engenhos coloniais, verificou-se uma eclosão de cidades, centros de comércio regional. As modernas usinas provocaram a decadência destas cidades, pois elas centralizam toda a vida econômica. Os proprietários; com esta evolução, tornaram-se absenteístas, emigrando para as capitais.

A industrialização trouxe melhorias qualificativas à produção do açúcar ao lado da super produção, o que motivou, em 1933, a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool, órgão controlador da produção açucareira nacional, dosando a produção interna e equilibrando a concorrência das diversas áreas produtoras nacionais.

28 FABRICANTE

DE FARINHA

Consumida sob a forma de polvilho, tapioca ou farinha, a mandioca, elemento constante nas mesas do sertanejo brasileiro, é também encontrada na do habitante comum da nossa cidade.

O processo de fabricação da farinha não evoluiu; ela é obtida hoje da mesma forma que a produzia o indígena, no início da colonização. Atualmente, algumas regiões têm industrializado a mandioca. Homens, mulheres e crianças trabalham na sua fabricação.

No Piauí, a "farinhada" é um acontecimento. Os lavradores vizinhos agem de modo a que não coincidam

as épocas de farinhada, para poderem contar com o maior auxílio possível no trabalho coletivo.

Colhida pelos homens, a mandioca é levada para o aviamento, atafona, casa de farinha ou de farinhada, que é um simples galpão de pau a pique, de chão de terra batida, coberta de folha de babaçu, carnaúba ou de sapé.

Depois de colhidas as raízes à mão, são lavadas, descascadas à faca, indo, em seguida, para a "ceva-deira" ou "odete", objeto cilíndrico provido de lâminas de metal, que reduz as raízes a pedaços mais ou menos finos; essas lascas são recolhidas por uma gamela ou cocho, feito de um simples tronco de madeira cavado, colocado próximo aos pés da pessoa que "ceva" as raízes. Em geral, é u'a mulher que se encarrega deste trabalho. É necessário retirar o princípio venenoso de que é a mandioca dotada. Em seguida, a pasta a que ficou transformada é passada na peneira, sendo a parte mais fina levada ao forno.

Homem ou mulher que se dedique à torrefação, deve revolver constantemente a massa com uma pá especial de madeira, denominada rodo, até que fique totalmente seca.

É este o tipo de farinha consumido à mesa.

Há, porém, maneira diferente de prepará-la, obtendo-se farinha d'água, de puba ou carimã, como o polvilho e a tapioca.

JANGADEIRO

O jangadeiro forma um escasso agrupamento lito-âneo, típico das praias do Nordeste, desde a Bahia até o Ceará. É êle o pescador que afronta o mar e

vai tão longe que, os grandes transatlânticos, não raro, o encontram em sua rota. Vive exclusivamente do produto da pesca.

Sua aventura diária demora do amanhecer à tardinha, vendendo, na praia mesmo, o peixe que traz.

Habita rústicas choupanas ou casinholas de taipa perdidas nos coqueirais. O teto é geralmente de palmas de coqueiros.

Constrói a jangada com cinco troncos de "piúva" (ipê) ou de jangadeira (apeíba) conhecida por "pau de jangada". Este conjunto chama-se "lastro" e as suas dimensões mais comuns são 7 metros de comprimento por 2 de largura.

Entre os apetrechos de uma jangada, destacam-se: o "samburá", cesto de boca apertada, feito de cipó ou taquara, destinado a guardar o peixe; o "banco de governo", simples táboa sustentada por quatro paus; a "quinanga", vasilha na qual levam o alimento (farinha, banana, rapadura, peixe assado) havendo uma para sal; para água usam um barrilote; o remo de governo, em forma de grande pá, utilizado como leme e dois outros pequenos para propulsão.

A gravura mostra-nos uma jangada de mar alto, voltando do labor quotidiano.

Nos arredores da cidade de Recife e de outras cidades do Nordeste do Brasil, o mocambo constitui uma aglomeração de habitações rústicas, de material o mais diferente, que não pode ser explicado por uma

simples adaptação do meio, mas pelo pauperismo crescente de uma população quase marginal.

As origens do mocambo remontam ao Brasil-Co-lônia, ao tempo da formação dos quilombos de negros fugidos.

Atualmente, os mocambos recifenses, como as favelas do Rio de Janeiro, formam conjuntos de habitações de aspecto desorganizado, onde se usa material de construção o mais diverso — ripas de madeira coberta com terra, folhas de zinco, cobertas de palha — as casas quase sempre sobre esteios evitando a umidade nas zonas inundáveis ou equilibrando-se nas encostas dos morros.

Variando as construções pelas influências ecológicas, os mocambos, ou aglomerações semelhantes, retratam sempre a miséria, o desconforto e a falta de higiene de boa parte das populações urbanas, muitas vezes resultantes do êxodo rural, sempre atraídas pelas oportunidades que os grandes centros oferecem.

31 O

COLHEDOR DE CÔCOS

Predominando em grande extensão da nossa orla marítima, o coqueiro impõe-se principalmente desde o litoral dos Abrolhos, na Bahia, até à costa maranhense.

Além do seu intrínseco valor econômico, é a bela palmeira expressivo ornamento da paisagem praieira. E é nesse ambiente que moureja o rústico trabalhador litorâneo, focalizado na ilustração.

Função árdua e perigosa é a do "trepador de coqueiro" ou "tirador de cocos".

Quando o coqueiro não é ainda desenvolvido, a colheita se faz por meio de uma vara, tendo numa das extremidades um ferro curvo bem afiado, que corta o talo dos frutos, provocando-lhes a queda, sem danificar as folhas.

Há ainda os tiradores que sobem "no braço" por ser mais rápido. Para isso é necessário que o tirador seja um indivíduo forte e que a colheita não se refira a coqueiros seculares que atingem cerca de 40 metros.

Entretanto, no Nordeste, a espécie característica mais vulgar desse tipo de trabalhador é aquele que sobe ao coqueiro com o auxílio de um instrumento chamado aparelho, arreo ou geralmente peia, como vemos na gravura.

A peia pode ser feita de fibras, de palha de dendezeiro, da folha do coqueiro ou ainda de couro de boi. Ela é constituída de duas partes: a correia e a tamanca, funcionando ambas alternadamente enlaçadas no coqueiro. Enquanto na correia o trabalhador pendura a perna esquerda, apoiando-se na altura da coxa, na segunda, que é um pouco menor, apoia a planta do pé direito, fazendo funcionar com as mãos aquelas duas peças enlaçadas no coqueiro, para galgá-lo mediante espécie de degraus de corda que se deslocam com o própria corpo. O tirador leva sob o cinto um facão ou uma foice afiadíssima. No ápice da palmeira, com um braço fortemente enlaçado ao tronco, maneja com o outro o instrumento cortante, pondo abaixo os frutos.

Os tiradores ou trepadores, dada a natureza árdua do serviço, são dotados de braços e pernas musculosas. Só os indivíduos de muita resistência física se entregam a tão arrojada tarefa.

32 O

MANDIOCAL

Em todo o país encontramos, na redondeza de cada habitação sertaneja, a presença constante do mandiocal, herança do indígena transmitida ao colonizador.

Aparece, às vezes, ocupando um pequeno espaço, como lavoura subsidiária de outra qualquer atividade, ou cobrindo mais ampla extensão, quando a cultura se destina a um maior aproveitamento industrial.

Além de servir à alimentação do brasileiro, de norte a sul, inúmeros produtos podem ser retirados da mandioca, tais como: o álcool, a dextrina e o amido, este último grandemente empregado nas fábricas de tecidos.

A mandioca cultivada entre rios pertence a dois tipos bem conhecidos: a brava ou venenosa, da qual se faz a farinha, depois de retirado o veneno, isto é, o ácido cianídrico e a mandioca mansa, conhecida como aipim ou macaxeira, usualmente consumida após um processo de cozimento.

Um mandiocal não exige preocupação por parte do agricultor, pois a planta é de fácil cultivo. Ideais são os solos silicosos ou argilosos, situados em colinas, de modo a que a planta receba a maior quantidade possível de luz. Amiga de temperatura mais ou menos elevada, a mandioca é plantada nos meses quentes, sendo colhida depois de dezoito meses.

O preparo da terra é bem simples. Inicia-se pela derrubada e queima, seguida da limpa do terreno, feita pela enxada, ou pelo arado, nas grandes plantações. Depois da roçada, abrem-se em linhas as covas para a plantação das "manivas" ou hastes de mandioca.

Durante o crescimento da planta, os cuidados são diminutos: capinas a enxada, desbastes a facão, feitos, em geral, não mais de duas vezes até à colheita.

A cultura da mandioca pode ser realizada junto a uma outra, milho ou feijão.

É preciso determinar o ponto Ótimo em que deve ser feita a colheita, a qual varia com as chuvas, intensidade de luz, temperatura, ventos etc. É importante a determinação desse "Ótimo", pois daí em diante a planta começa a gastar as reservas acumuladas em prejuízo da colheita.

33 O PESCADOR DE

TARRAFA

O uso da tarrafa de pesca é generalizado em todas as regiões brasileiras.

A tarrafa brasileira é uma rede de forma afunilada, tendo na base superior uma longa corda pendente, que fica presa à mão do pescador, quando este a lança aberta na água. Na extremidade inferior, dispostos em círculos, enfileiram-se pequenos pedaços de chumbo, em distâncias iguais. É confeccionada com fios de algodão ou de tucum.

Manejada por um só homem, é usada por milhares de modestos pescadores que labutam nas marés da nossa imensa costa marítima e ao longo dos cursos dos rios, cuja fauna subsiste à devastaçãõ, como por' exemplo o São Francisco.

Os pescadores brasileiros, de modo geral, possuem um nível de vida mais baixo, pois as relações econômicas que mantêm com os arrendatários do terreno de marinha e os donos de embarcações e utensílios de

pesca, são as mais precárias e extorsivas, só comparáveis às mantidas pelos trabalhadores do campo com os proprietários de terras. A única diferença que existe é que grande parte dos nossos pescadores já conta com a assistência de suas respectivas colônias, instituições oficiais dirigidas por verdadeiros e desinteressados defensores de tão numerosa e necessitada classe.

Onde não chega, porém, a assistência da colônia, fica o pescador local sujeito a toda sorte de explorações.

Na região nordestina vive êle, em geral, à mercê dos grandes negociantes de peixe que servem de intermediários entre os pescadores e os peixeiros.

Ao longo dos cursos dos rios e especialmente nos seus estuários, são vistos amiúde pescadores dessa espécie, que nos apresenta a gravura.

No interior dos estados do Nordeste, em que os rios secam periodicamente, a pescaria deixa de ser contínua e organizada.

34 RENDEIRAS DO NORDESTE

Na variedade de atividades econômicas existentes no NE do Brasil, a indústria caseira de rendas constitui uma das formas mais tradicionais do trabalho feminino. Mulheres, geralmente analfabetas, conservam ainda as técnicas de origem portuguesa, infensas ao progresso e aos figurinos modernos.

Nos arredores das cidades nordestinas — desta-ca-se Aracati, no Ceará — habitando casebres humildes, as rendeiras, mediante remuneração exígua, rea-

lizam belos artefatos com linhas as mais diversas, algodão, seda, linho ou "tucum".

Resistindo à concorrência da industrialização e da moda, as rendeiras continuam a produzir para o consumo de gente mais abastada das cidades, consistindo assim numa indústria complementar, mas, significativa.

35 TIRADOR DE CAROÁ

Em meio às cactáceas e nos solos superficiais e pedregosos do sertão nordestino, vamos encontrar o caroá, planta de porte baixo e folhas delgadas em forma de hastes.

Utilizada sua fibra pelo aborígene, no preparo de cordas e fios para redes, foi, por herança, também empregada pelos colonizadores portugueses.

São de presença obrigatória, nas feiras do sertão, os artigos confeccionados com a fibra, salientando-se a corda, cuja aceitação entre vaqueiros é provocada pela resistência fora do comum.

O tirador de caroá é, em geral, uma figura instável, que faz deste mister não um meio de vida, mas, ocupação para seus momentos de espera da chuva, da colheita ou de juntar o gado.

A colheita do caroá é feita de maneira a mais primitiva possível. É escolhido um local próxima à estrada, por causa do transporte e onde a planta se apresente mais viçosa. Aí penetra o tirador com um facão, "para abrir o mato". No caminho vai arrancando as folhas de caroá com as mãos, protegidas por luvas de couro ou da própria fibra. Formam-se en-

tão os feixes, que são trazidos para a estrada, de onde são transportados pelo caminhão da usina ou pelo próprio catador em lombo de jumento, visto que as usinas cobram pelo transporte quase o preço da compra.

A época mais propícia é a da seca, não só porque os homens se acham afastados de suas ocupações mais importantes, como também é o período em que as usinas pagam mais. No período das chuvas o solo úmido não oferece resistência a qualquer movimento para retirar a folha, provocando o arrancamento da planta inteira. Além disto, as usinas pagam menos, pois a planta se acha demasiadamente hidratada e pesa mais.

Há duas modalidades de "tirador de caroá": 1) Aquele que trabalha isoladamente e tem apenas um contrato verbal com a usina. 2) O que trabalha em grupos sob as ordens de um patrão que é o possuidor do contrato com a usina.

O primeiro tipo, que constitui a maioria é, em geral, dono de um roçado ou um criador de caprinos.

Com o aumento da demanda, a coleta do caroá torna-se, dia a dia, um verdadeiro género de vida.

36 TRECHO

ENCACHOEIRADO DO SAO FRANCISCO

Ao precipitar-se da serra da Canastra, em altitude de cerca de 1.280 metros, forma o rio São Francisco a cachoeira da Casca d'Anta, a primeira da série de acidentes que lhe tumultuam o curso, por leito fortemente inclinado em cerca de 500 quilômetros, até Pirapora.

Ameniza-se, então, o perfil, que se afeiçoa à navegação, por trecho superior a 1.580 quilômetros, até Sobradinho, onde se acentua de novo o declive do rio.

Quedas maiores, entre as quais a de Paulo Afonso de 81 metros de altura, separam-lhe a seção planáltica, de baixo curso, novamente navegável por embarcações movidas a vapor e a vela.

O rio São Francisco, com a sua direção acentuadamente Norte-Sul até o cotovelo, atravessa regiões de recursos geológicos e aspectos físicos e humanos os mais diversos.

As matas que lhe sombreiam o primeiro trecho não alcançam a área encachoeirada onde a vegetação xerófila se abeira do leito, como indica a ilustração onde aparece o mandacaru.

Impressionante o contraste do tumultuar das águas e o panorama circunjacente. Somente cactus e plantas acostumadas a longo jejum, vivem nos arredores. Só as plantas afeitas ao regime das secas prolongadas, dispendo de órgãos apropriados a reter em seus tecidos o líquido necessário à vida, conseguem medrar naquelas paragens a que se estende a região semi-árida do Nordeste.

As áreas ribeirinhas comportam relativo adensamento de população. A ocupação do solo prende-se a manchas de solos férteis — as vazantes — onde se faz agricultura de subsistência. Já a criação de gado, com profundas tradições históricas que remontam à época da mineração (século XVIII), estende-se atualmente pela zona da caatinga e pelos "campos gerais" dos planaltos da região São Franciscana. Atualmente a C.H.E.S.F. é o órgão governamental que cuida da valorização da vasta área que marca o eixo de ligação do Centro-Leste ao Nordeste brasileiro.

VAQUEJADA

A vaquejada é um auxílio, prestado pelos vaqueiros da redondeza à fazenda, onde vai ser reunido o gado que se acha espalhado pelos campos afora, pelas várzeas e caatingas.

Realiza-se em pleno "inverno", quando tudo é fartura no sertão imenso. É uma atividade que demonstra a criação extensiva da região nordestina. Pode ser considerada como o mutirão dos vaqueiros.

Preparam-se com antecedência: gibões, perneiras, chapéus de couro; cavalos "pescoço de viola", os mais afamados; selas sem cabeçotes, macias e leves; compridos laços de couro de burro...

Não é, entretanto, o vaqueiro que se apresenta com melhor material, o que pratica maiores façanhas. Quanto mais esfarrapado, tanto melhor. Não teme as plantas espinhosas que encontra no caminho. "Onde passa a rês perseguida, passa o vaqueiro e seu cavalo".

Ora virando de um lado, ora de outro, na sela, um pé apoiado no estribo, inclinando-se para a frente, tendo as rédeas numa das mãos, na outra o chicote ou ferrão, lança-se o vaqueiro atrás do animal.

Corre o cavalo a toda brida, qualquer que seja o campo: aberto ou fechado, espinhento, o terreno enxuto ou lamacento. Entra no mato sem procurar "claro" e sem desviar do obstáculo, contanto que não perca de vista a novilha arisca ou o garrote bravio... Cumprida a missão, trazida ao rebanho a rês que "espirrou", o seu contentamento se torna manifesto.

Poderá a vaquejada demorar uma semana, quinze dias, um mês. Todo o gado é revisto, apartado, separado, selecionado.

38 VAQUEIRO DO NORDESTE

Pequeno no porte, magro e sóbrio de músculos; taciturno e desajeitado em descanso, intrépido e vi-brátil quando solicitado para a ação, é o vaqueiro do Nordeste um tipo característico do meio em que habita.

Povoa o sertão nordestino, peneplano de rochas cristalinas, terra atormentada ora pelas secas causticantes, ora pelas chuvas torrenciais. Flora castigada pelas intempéries e pelo solo arenoso e ressequido. Fauna de seres esquivos, brutais, traiçoeiros, como a própria terra que lhes serve de berço. Porco do mato, ema, tapir, suçuarana, eis algumas espécies de sua fauna bravia.

E é neste cenário que nasce, se agita e morre o vaqueiro nordestino — o mais bravio dos filhos do sertão.

O seu tipo étnico provém do contacto do branco colonizador com o gentio, durante a penetração do gado nos sertões do Nordeste. Por razões econômicas e históricas adaptou-se à atividade criatória.

De simples peão passa a vaqueiro, honrosa posição na pequena sociedade sertaneja. É honesto quando na administração dos bens alheios. Muitas vezes, na faina profissional, montado em seu cavalo pequeno, magro e resistente como êle próprio, fica horas a fio imóvel, desajeitado e recurvo sobre a alimária, olhando a paisagem, enquanto a gadaria pasta a ve-

getação ressequida. De repente se transmuda em atividade, energia, ação. É quando acontece tresmalhar-se uma rês. Retesa-se rápido e dispara caatinga a dentro. Protegido pela roupagem de couro, lá se vai quebrando a seca e contorcida galharia na perseguição do animal desgarrado. E só cessa ao trazer de novo a rês à sua tropa. Tal é, em linhas gerais a descrição que dele faz Euclides da Cunha.

Interessante é comparar-se esse tipo nordestino com seu irmão do Sul — o gaúcho dominador da campanha. Tão diferentes e agindo em paisagens tão desiguais, ambos têm no cavalo um colaborador precioso, valendo, no entanto, mais o "pingo" para o gaúcho que o enfeita, e trata, e acaricia, e não dispensa, do que o "quartau" magro, resignado e encourado, para o vaqueiro sertanejo. O gaúcho é combativo, impulsivo, exuberante; o seu irmão nordestino não é combativo, mas combatente; não é impulsivo e sim calculista: não tem a palavra e o gesto largos, é lacônico e retraído.

Só se assemelham quanto ao gênero de vida, aos sentimentos de liberdade e de honra, quanto à proibidade: o "rodeio" sulino, a "disparada" do gado pelas planícies sul rio grandenses, têm uma correspondência com a vaquejada, a "pegada do boi", o estouro da boiada nordestinos.

Cabe aqui assinalar a vestimenta típica, como se nota no desenho.

As peças são de couro — o "gibão", perneira, joelheiras, luvas e "guarda-pés" — tudo adaptado ao meio. Não lhe falta o chapéu de dois bicos.

O ambiente, a atividade econômica e o homem, no sertão nordestino, constituem características inconfundíveis no complexo das paisagens brasileiras.

39 VIVEIROS DE PEIXE

DO RECIFE

Conforme se calcula, a existência dos "viveiros" de peixe do Recife remonta à época anterior à colo-nização portuguesa, atribuindo-se a sua utilização aos índios caetés. Tudo faz crer que o "viveiro"⁵ reci-fense tivesse surgido como simples armadilha, onde o peixe penetrasse durante a maré alta, para ser colhido apôs, facilmente, pelo índio, na baixa-maré.

São encontrados os viveiros recifenses nos estuários e na parte onde se alarga ou penetra a maré.

Em face de um desses tanques de criação de peixes, percebe-se logo quanto é rudimentar a sua construção. Oferecendo o local condições naturais, nada mais se fêz senão cavar a parte próxima à maré, de onde foi retirada a lama e o barro necessários à construção de uma barragem, com a função de defender o reservatório da maré alta, tarefa apôs completada com a colocação da "porta d'água", espécie de comporta, que estabelece comunicação com o estuário, dique ou braço de maré. Essa porta d'água tem uma abertura, que se fecha por uma grade de metal, pela qual entra, duas vezes por dia, durante a enchente, água nova. Completa o aparelhamento do viveiro a colocação de gar-ranchos em toda a sua extensão, a fim de evitar as pescarias clandestinas. A pescaria nos viveiros é feita anualmente, por ocasião da quaresma. Pode-se mesmo afirmar que o consumo de peixes durante a Semana Santa, no Recife, é suprido pelo produto retirado dos viveiros locais.

Constitui uma tradição da cidade a pescaria das centenas dos seus viveiros, naquela época. É lançada n'água uma grande rede de pescaria disposta longitudinalmente no viveiro e movimentada por pescadores

que a seguram em toda sua extensão. Partindo de um extremo do viveiro, avança a rede lentamente, cercando, desse modo, os peixes que procuram reagir ao cerco.

Terminada a tarefa, é ali mesmo negociada, quando antes não tenha sido o produto vendido por atacado.

40 A

LAVADEIRA

As favelas, em geral, são como que zonas independentes dentro da cidade do Rio de Janeiro.

A grande massa dos seus habitantes provém dos estados, em busca de melhores condições de vida. As dificuldades de habitação e transporte que encontram, obrigam-nos a se incorporarem à massa dos favelados.

A favela, apesar de servir de refúgio a delinquentes e vagabundos, abriga grande número de habitantes com ocupação. Muitos têm as mais variadas profissões, vivendo também de biscates.

A mulher, em geral, trabalha como doméstica ou se dedica à lavagem de roupa.

Vestida de chita, lenço amarrado à cabeça e calçada de tamancos, a lavadeira traz, da casa da freguesa, a trouxa de roupa que é lavada em tina, fora da casa, à guisa de tanque. A água utilizada é apanhada nas bicas, quando existem, ou em casas que possuem água superior às necessidades. Em latas sobre a cabeça é a água carregada pela própria lavadeira ou por outra pessoa, a quem paga o serviço.

O coradouro é constituído de ripas de madeira. A roupa é posta a secar em cordas, fora de casa. Quando chove é recolhida e estendida dentro da mo-

radia. Pronta, é embrulhada em papel resistente, de sacas de cimento, que não se rompe nos bondes ou trens, e entregue à freguezia.

A lavadeira, essa muda heroína da favela, assume muitas vezes a direção da família, que consegue manter com seu esforço humilde e sem glória.

41

BARRANQUEIROS

Os "barranqueiros" são habitantes ribeirinhos, em geral paupérrimos e vivendo em toscas habitações erguidas nos barrancos do curso d'água do São Francisco.

No período da estiagem, os "barranqueiros" aproveitam o solo fértil das vazantes praticando uma agricultura de subsistência; pescam para o consumo próprio, ou dedicam-se à venda de lenha para os vapores que fazem a navegação no médio rio.

Por ocasião das cheias, a paisagem torna-se melancólica e sombria. É nessa época que vive a população a fase culminante de um grande drama. O rio cresce rapidamente, as águas invadem as terras marginais, os afluentes transbordam. Nos barrancos, povoados e moradias, sofrem os habitantes os efeitos das chuvas avassaladoras. Os ranchos, apressadamente, são abandonados. Culturas, crescidas na estiagem, são arrastadas pela correnteza. As barrancas, solapadas, desmoronam. Nos pontos adequados, os sedimentos se depositam, para constituírem, na estiagem, o solo dadivoso de onde nova agricultura de vazante emergirá.

Vivendo num mundo de economia pobre e de lucros escassos, o "barranqueiro" inculto e sem recursos traduz as condições do meio. Sua habitação precária, sua alimentação insuficiente, seu espírito de intranquilidade e insegurança, sua resignação em face do isolamento, são características.

Atacado pela opilação, pelo impaludismo, mal de Chagas, desnutrido, seu aspecto exterior se reduz ao de um indolente vulgar, sem estímulo para a luta pela vida. Há, entretanto, alguns, que vivem uma vida menos árdua, são possuidores de terras e de melhor saúde, têm maior resistência e amor ao trabalho, possuem casas mais sólidas e confortáveis.

A alimentação do barranqueiro consta de feijão, farinha de mandioca, peixe, torresmo, carne de sol, rapadura e, de vêz em quando, carne de bode.

A família é numerosa; o elemento feminino trabalha na roça e no fabrico de rendas e ainda faz o serviço doméstico.

Não é só o rio que empobrece a casa do barranqueiro, é a sua mentalidade também. Essa, entretanto, certamente mudará, depois do combate sistemático às endemias, à ignorância e à rotina.

42 BARQUEIROS DO

SÃO FRANCISCO

Como via de navegação de vapor, o rio São Francisco, possui, sem dúvida, rendimento inferior ao Paraná ou ao Amazonas, dado o pormenor, dentre outros, de sua grande sensibilidade ao fenômeno das secas. Isso exige, para o tráfego fluvial do grande rio, um tipo especial de embarcações, com boca muito larga e bastante rasas de calado.

Se, no trecho de Santana do Sobradinho à Pira-pora, oferece o São Francisco navegação franca, as demais seções apresentam, com frequência, rápidos e corredeiras que dificultam sobremaneira a navegação.

A canoa surgiu, então, como a embarcação número um, que resolveria o problema e se firmaria como uma verdadeira "unidade de agrupamento", sobretudo para o tipo do ribeirinho que, em míseros casebres, vegeta em função do rio, sujeito às vicissitudes e à irregularidade de seu regime.

A incrível variedade de embarcações, atualmente existente no São Francisco, encontra sua explicação, em boa parte, na própria variedade dos elementos étnicos povoadores, dos quais dois — portugueses e tupis — foram preponderantes e, por sinal, grandes navegadores.

Se, em qualquer seção do rio, pode a canoa ser utilizada com maior ou menor esforço, é certo, porém, que o "ajoujo", reunião de duas ou três delas, constitui o sistema preferido para a travessia rudimentar das corredeiras.

A vida pastoril e a de embarcadiço fluvial, do qual os melhores exemplos são os "remeiros" e "barqueiros" do São Francisco, completaram-se e fundi-ram-se no tipo sertanejo de características próprias, tendo como uma das modalidades o nomadismo inveterado ao longo do rio, ou por sobre suas terras marginais.

Além de canoas e "ajoujos", há também balsas e paquetes, barcas e vapores.

A canoa grande, denominada "paquete" pelos remeiros, exerce função mais ampla do que a normal, utilizada que é no transporte de mantimentos, formando cargas de quarenta e até cinquenta sacas.

Muitas vezes ajudam a passagem dos vapores pelos "rápidos", pois com suas grandes velas, lembrando a forma de uma grande borboleta, conseguem desenvolver força superior à produzida pelos motores alimentados a lenha.

A barca é uma verdadeira casa flutuante, com o seu toldo de palha e a proa recurva.

As barcas navegam muitas vezes a vela. Na falta de vento, a "remo" ou "vara".

Homens de vida rude, os "remeiros" formam as tripulações das barcas. Seu trabalho principal é o manejo da "vara". Em rigor "barqueiro" é o próprio dono da barca.

A nota característica das barcas de São Francisco reside na proa recurva terminada por uma cabeça de animal. Para os "barqueiros" nela se encontra a garantia da barca. A propósito há inúmeras lendas.

43 BURROS DE CARGA

O transporte em lombo de muar decorre da precariedade das vias de comunicação, do relevo acidentado do nosso território e da formação histórica da nossa economia.

Na historia do transporte no Brasil, ressalta logo, pela sua simplicidade e valor, o animal de carga. Ainda hoje, onde não vai o automóvel, é a tração animal ou a carga em lombo de muar o meio de condução usado. O burro é o elemento preferido, por suportar melhor a crueza do caminho e o peso da carga.

A circulação geral, no interior do Brasil, é feita pelo burro isolado ou pela "tropa", grupo de animais de carga dividido em dois ou mais lotes, conduzidos, cada um, pelo tocador. Os tocadores são chefiados pelo tropeiro. O conjunto, que se desloca em passo lento, desperta logo a atenção, pela "madrinha", que vai à frente adornada de fitas e chapas de metal, fazendo bimbalar pequenas campainhas ou guizos. O papel da madrinha é orientar os outros animais. No interior, para pequeno percurso, é usado o carro de bois e para as grandes distâncias, a "tropa".

O valor do animal, como meio de transporte, pode ser avaliado tendo-se em vista a escassa quilometragem de nossas estradas. Nem os trilhos, nem as rodovias conseguiram extinguir a "tropa", que ainda exerce função importante na hinterlândia.

A gravura representa caboclos que levam para as feiras os produtos de suas roças, devendo trazer aquilo de que necessitam. Alguns fazem ainda serviço de empreitada e correio, sendo honestos e zelosos. O condutor apresenta-se descalço ou de alpercatas, chapéu de couro ou palha, camisa e calça frequentemente remendadas; na mão, o relho de cabo flexível e corda de couro trançado. Se a jornada é longa a carga é protegida por uma lona impermeável à chuva. A segurança do transporte está na boa distribuição da carga.

CACAUAL

Tendo em vista a espontaneidade e exuberância com que se apresenta na Amazônia, presume-se que o cacauero — *Theobroma Cacao* — seja nativo dessa região.

Tomou-se conhecido dos europeus no início da conquista da América pelos espanhóis, quando Montezuma ofereceu a Cortez a bebida a que chamavam chocolate. Era uma infusão em água, de cacau, milho e pimenta. Ao tempo de Montezuma os indivíduos ricos consumiam o cacau puro, adoçado com mel. Os europeus aperfeiçoaram o chocolate reunindo ao cacau o açúcar de cana, canela ou baunilha, como aromáticos. Os índios brasileiros preparavam uma bebida fazendo fermentar a polpa do fruto.

O cacau bahiano, segundo consta, veio do Pará, tendo adaptação pronta no sul da Bahia, espalhando-se pelos vales dos rios e ao longo do litoral.

Para a vida útil de um cacau são necessários: umidade, temperatura elevada, sombra e terreno de solo profundo e humoso.

Na Bahia é comum ver-se os cacauzeiros subirem os vales dos rios, tanto em função da umidade das terras marginais, quanto pela sombra necessária que a floresta próxima fornece, e como pela fertilidade do solo florestal.

O cacau é ótimo alimento energético daí seu grande consumo nas regiões de clima frio. Dele se obtém: o chocolate, a manteiga de cacau, o óleo, o sabão e o vinho de cacau, e um alcalóide — a teobromina.

Vemos, na gravura, um cacau bahiano: árvores não muito altas, troncos robustos, ásperos e envergados pelos frutos que se lhe prendem pelos pedúnculos. O solo cheio de folhas caídas. O cacauzeiro perde a folhagem duas vezes ao ano. É comum a existência de cacauzeiros centenários na Amazônia e Bahia, com produção razoável.

Hoje, 98% da produção nacional corresponde à Bahia.

45 CARRO DE BOI

Rústico, modesto e vagaroso, o carro de boi foi o primeiro veículo de transporte que a nossa terra possuiu. Ainda hoje, nas pequenas fazendas onde faltam as boas estradas para os modernos veículos, êle continua a desempenhar a sua missão. A via férrea não extinguiu, apenas encurtou os percursos do carro de boi. Este leva a carga pesada que o muar não suporta. Não exige estradas preparadas para se deslocar.

Êle mesmo as faz, ora rolando no campo limpo, ora aproveitando a picada da floresta espessa. Roda no solo arenoso, lamacento ou pedregoso e o relevo não lhe constitui obstáculo. Caracteriza-se pela rusticidade e enorme resistência.

O carro de boi brasileiro é de origem romana. Todo de madeira, compõe-se de duas peças principais: o estrado e o conjunto roda-eixo. Em cada borda do estrado há várias fincadas que amparam a carga. As rodas, em número de duas, geralmente maciças, são de madeira rija, altas e pesadas, protegidas por um aro de ferro quando rolam em terreno pedregoso. Estão solidamente encaixadas no eixo. Junto ao eixo é colocado um indispensável suplemento, a "cantadeira", untada com uma pasta de sebo e pó de carvão, para fazer o carro gemer. O seu gemido constitui orgulho para o carreiro.

A força de tração é fornecida unicamente por bovinos, dispostos dois a dois — as juntas. As juntas são unidas pelas cargas que repousam sobre a nuca dos animais.

O boi de carro é forte, musculoso e extremamente dócil. Dois são seus condutores: o carreiro e o can-dieiro. O primeiro caminha ao lado do carro, ora gritando pelo nome dos bois, ora picando-os com o ferrão — ponta de ferro na extremidade de comprida vara — a "aguilhoadá". O segundo, também munido de "aguilhoadá", vai à frente, dando a direção da marcha.

Muitas vezes, nas longas viagens, vemos o carro de boi, devidamente protegido com uma cobertura de lona ou esteira, conduzir enfermos, velhos, senhoras e crianças.

46

CARVOEIRO

Do carvão mineral, existem poucas jazidas, no sul do Brasil. Para o consumo doméstico, para as fábricas e estradas de ferro, recorre-se ao carvão vegetal. Este provém da combustão da madeira ao abrigo do ar. Para sua produção aproveitam-se as matas virgens e as capoeiras formadas apôs os desflorestamentos.

O processo mais usado, apesar de rudimentar e antiquado, é o da carbonização da madeira em "balões". A esta atividade liga-se um tipo interessante — o carvoeiro. Munido de foice, dá início ao trabalho, fazendo a "roçada" para limpar o terreno dos pequenos arbustos. Segue-se a derrubada em que, de machado em punho, põe abaixo as árvores que serão transformadas em carvão. Secas as folhas, arbustos e ra-

magens, é limpo o terreno. Por meio do fogo, são consumidos os elementos de fácil combustão. As árvores abatidas são cortadas em pequenas toras, que servirão de combustível aos balões. A construção destes obedece à seguinte técnica: com toras menores o carvoeiro arma uma espécie de funil. Ao redor do funil é empilhado todo o resto da lenha, em sentido vertical. Ao centro fica uma cavidade — a chaminé — por onde é lançado o fogo para queimar a lenha. O "balão" assim preparado é enchido e envolto em palha, folhas e capim seco. O revestimento externo do balão é feito com terra. Surge, assim, a "carvoeira" ou "caieira". Como ventiladores, o carvoeiro abre na base uma série de orifícios, "suspiros", por onde penetra o ar livre. A combustão deve ser lenta e dura de 2 a 3 dias. Quando o fogo se torna violento, para abrandá-lo, o carvoeiro coloca pela chaminé pequenos tacos de lenha, utilizando-se de uma escada feita de varas.

Quando a fumaça negra e espessa se torna azulada, está terminada a operação. A "caieira" é então afogada. Os últimos brazeiros desaparecem.

Com a pá, peneira e ancinho, é separado o carvão da terra da "caieira". É então ensacado e vendido aos tropeiros que, em tropas de burro, o transportam à cidade. Algumas vezes é adquirido por intermediários que o conduzem em caminhão, outras é o própria carvoeiro que, de madrugada, parte de seu sítio a fim de vender o produto de seu trabalho.

A produção de carvão vegetal tem pesado enormemente sobre a riqueza florestal brasileira, determinando a destruição de matas e capoeiras, modificando a ecologia de extensas regiões, acelerando a destruição dos solos e toda uma série de prejuízos para a economia do país.

47

COSTEIRAS

Do sul para o norte, vai a serra do Mar, em território paulista, aproximando-se do oceano. Em Santos, não dista mais que vinte quilômetros do litoral. Mais para o norte, avizinha-se ainda da costa e coloca-se nela. Daí em diante, vêm-se pequenas baías e enseadas, separadas por avanços dos esporões sobre as águas. Já não se encontram as longas praias do litoral sul, com as suas dezenas de quilômetros. Agora sucedem-se as enseadas e "costeiras". O rendilhado das baías torna-se ainda mais pronunciado e as "costeiras" adquirem fisionomia abrupta, entrando fundo pelo mar e não raro pontilhando-o de ilhas.

As "costeiras" são, assim, verdadeiras falésias de costas, que alcançam até 300 metros junto ao mar, cobertas quase sempre de vegetação de porte, constituindo um aspecto típico dos lugares onde os degraus do planalto brasileiro chegam do oceano.

Isolados pelas "costeiras" de um lado e pela mata da serra do outro, encontram-se núcleos humanos que vivem da pesca e de uma reduzida lavoura de subsistência. Muitas vezes os habitantes percorrem as "costeiras", a fim de fazer o cerco aos cardumes de tainhas.

48

FAISCADORES

A "faiscação", ou seja a mineração, representada pelo trabalho rotineiro, sem aparelhagem mecânica, contribui, em média, com 50% do total da produção aurífera do país.

A permanência da "faiscação", como atividade compensadora, está na dependência do valor do ouro e da sua situação mundial. No Brasil existem filões possantes, como em Jacobina, na Bahia, com rendosas perspectivas para o trabalho da "faiscação".

A atividade erosiva, atacando durante anos os quartzitos auríferos e diamantíferos do planalto brasileiro, acabou por espalhar, na superfície, depósitos de ouro e diamantes na forma de grupiaras, areias e cascalhos, carregando-os também para o leito dos cursos d'água.

O ouro sempre esteve ligado à História do Brasil. Foi a preocupação inicial dos colonizadores. Motivou: a internação dos bandeirantes; a chegada às minas das levas de trabalhadores negros africanos; a abertura de estradas de São Paulo e Rio para Minas; o povoamento do vale do Paraíba do Sul, com a consequente abertura do nosso ciclo econômico do café.

Segundo as regiões, o ouro pode apresentar-se em pepitas, palhetas, em pó fino e mesmo em caráter misto. Com o fim de orientar o faisgador, a Divisão do Fomento da Produção Mineral fez estudar os tipos de instalações mais adequadas à natureza das nossas aluviões, onde o ouro aparece, comumente, sob o caráter misto.

Aos primeiros raios de sol, o "faisgador" já se encontra disposto ao trabalho. Forte, de côr bronzeada, usando enorme chapéu de palha, parte êle em busca das "fisqueiras", onde lavar os cascalhos, encherá a bateia de areia e pedregulho miúdo, para obter, possivelmente, o ouro, apôs um bater incessante, indiferente aos raios causticantes do sol e imune à baixa temperatura das águas.

A apuração do ouro não é fácil tarefa, quase sempre agravada pela presença de minerais de ferro de densidade elevada.

Os faiscaidores, pela dificuldade de serviço, raramente trabalham sós. Associam-se a companheiros ou, então, são financiados por alguém que possa arrostar com as despesas. Esta facilidade de arranjar trabalho traz, como consequência, o abandono da lavoura. Forma-se uma corrente do campo para as minas. Os géneros de primeira necessidade são trazidos de longe. Levantam-se pequenos povoados. As habitações, construídas desordenadamente, são miseráveis palhoças de pau a pique cobertas de palha. Tais povoados têm, muitas vezes, vida efémera, outras vezes crescem e progridem, desenvolvendo intensa atividade comercial.

49

FAVELAS

No conceito atual, favela significa conjunto de habitações populares, toscamente construídas e desprovidas de recursos higiénicos.

A cidade do Rio de Janeiro desenvolveu-se sobre planícies e apertada entre morros. Crescendo, parte da população foi obrigada a se amontoar em hotéis, pensões e casas de cômodos, enquanto outra, menos favorecida, subiu aos morros, neles estabelecendo agrupamentos de casas a que denominamos favelas.

Esses casebres não se restringem mais aos morros, mas aparecem, também, em zonas planas, abandonadas ou ainda desocupadas. Nos sopés dos morros nota-se maior concentração, rareando as construções à medida que se vai subindo,

As favelas surgem ocupando terrenos de ninguém, da Prefeitura ou da União e, muitas vezes, em terrenos alugados. Os barracos são construídos de táboas de caixote e pedaços de lata, havendo-os também de sopapo. A cobertura, de folhas de zinco ou lata, é protegida por grandes pedras, que as impedem de voar quando o vento é forte. Sobre o chão, usualmente, é colocado um estrado de ripas de madeira. Uma porta e uma janela arejam e dão acesso ao barraco. No mesmo cômodo, que serve de quarto, em geral escuro devido à fumaça, vê-se, a um canto, uma pequena mesa com um fogareiro de carvão. Na parede ou em pequenas prateleiras, encontram-se os utensílios de cozinha, résteas de cebolas, retratos e imagens de santos.

Um ou outro barraco possui sala e quarto, é mais bem arranjado, com armário de roupa, mesa e até rádio. São porém, desprovidos de conforto e higiene, não dispõem d'água, nem sistema de esgoto. Quando existem bicas d'água a população faz filas para encher as latas.

As favelas têm uma vida inteiramente à parte do resto da cidade. Possuem casas de negócio, armazéns, açougues e até consultórios médicos.

As favelas constituem marca inconfundível no panorama atual do Rio de Janeiro, representando uma consequência de vários fatores: pressão das áreas criatôrias e agrícolas do interior e do nordeste, secas e outros cataclismas, crescimento de população, inflação, horizontes de trabalho na cidade.

50 FEIRA DE GADO

A criação de gado no Brasil foi meio de conquista da terra e de fixação das populações.

O gado, introduzido pelos portugueses em São Vicente, Bahia e Pernambuco, espalhou-se e desenvolveu-se pela nossa hinterlândia, fornecendo alimentos aos habitantes das povoações incipientes e aos trabalhadores das minas. O boi destinava-se ainda ao serviço de transporte e ao trabalho nas lavouras.

Nas pegadas dos sertanistas e bandeirantes, seguiam os vaqueiros que, como marcos da conquista da terra, erguiam os currais. Nos sertões do Nordeste, as primeiras estradas foram os caminhos das boiadas. À margem dos rios, onde a passagem era fácil para os animais e à beira do caminho, onde a boiada parava para descansar, surgiam povoações, núcleos de futuras vilas e cidades. Algumas destas tornaram-se ativos centros de comércio de gado. No Nordeste, onde o sistema de criação é muito primitivo, ainda hoje são frequentes as feiras de gado. A casa da fazenda, simples e pobre, apenas se anima e enche de gente no "inverno", época das chuvas, quando o fazendeiro vem passar uma temporada na sua propriedade, com a família. Nesta época é que se realiza a vaquejada para a apartação das reses. A vaquejada é um acontecimento, uma festa. Pelos vaqueiros da redondeza é trazido o gado para o rodeador. Procedese à "ferra" das novilhas e garrotes, com a "marca" do fazendeiro. De cada quatro ou cinco reses, uma terá a marca do vaqueiro e a êle pertencerá. O comércio de gado é quase todo feito nas feiras, que em dias certos se realizam em determinadas cidades e vilas. A Feira de Santana, na Bahia, é o maior centro de comércio de gado do Nordeste. Cidades pequenas, calmas e quietas, vivem horas de intensa agitação, nos dias de feira.

A gravura representa um aspecto da Feira de Santana, local onde, desde os tempos do Brasil Império, se realiza a feira de gado, semanalmente. Entronca-

mento de numerosas rodovias e servida por estrada de ferro, recebe milhares de cabeças de gado da Chapada Diamantina, dos sertões do São Francisco, do Piauí e Goiás.

O "campo de gado", um enorme curral com cerca de madeira e várias divisões, tem ao centro a balança, onde o gado é pesado, pois o seu preço varia por arroba.

51 FLORESTAS DA

ENCOSTA ORIENTAL

A "floresta atlântica" estende-se desde o Rio Grande do Norte, indo morrer nas ondulações das serras do Erval e Tapes, no sul do Brasil.

A fachada de vegetação densa, envolvendo o Brasil pela face oceânica, dá ao visitante desprevenido uma noção falsa do que é o interior do país. Imagina-se o Brasil todo montanhoso e florestal. Esta barreira vegetal constituiu um obstáculo à penetração do interior. Com o bandeirantismo e os ciclos da cana de açúcar e do café, a selva foi cedendo à penetração.

A formação florestal é, como na Amazônia, determinada sobretudo pela umidade e pela temperatura. A floresta oriental constitui uma verdadeira faixa cuja largura média é de 200 quilômetros. É mais contínua e compacta no trecho entre a foz do São Francisco e Iguape.

Certas espécies hileianas apresentam aqui uma dispersão considerável, tais como o jacarandá, o açaí, as sapucaias, as sucupiras, os angelins, as copaibas, cedros, angicos, perobas, imbuías, ipês, jequitibás, etc.

Se a composição variada destas matas é valiosa para o botânico, torna-se fator de desvalorização sob o ponto de vista econômico. A gravura representa

um aspecto das opulentas matas do Rio Doce, no Espírito Santo e Minas Gerais.

As consequências das derrubadas já se fazem sentir. O principal responsável pelo desflorestamento no Nordeste foi a cana de açúcar. No Sul, foi a cultura cafeeira. O serviço de proteção à natureza vem criando parques nacionais, onde flora e fauna merecem cuidados especiais. "É o caso dos parques de Itatiaia e da Serra dos órgãos, além de diversas "Estações Biológicas".

52

GERAIS

Os "gerais" da Bahia são, em rigor, largos campos de cima da serra, localizados no planalto bahiano, entre as arestas da Chapada Diamantina.

Conforme diz Teodoro Sampaio: "Os "gerais", em cima da serra, são campos onde cresce e se multiplica a palmeira anã entre gramíneas altas; campos mais frescos do que as "caatingas", mais regados, com horizonte largo que as serranias fecham ao longe. Doce é a temperatura no verão, fria as mais das vezes no inverno". Para todo o Brasil, campos gerais significam extensão de terrenos cobertos de gramíneas, com topografia mais ou menos plana. Encontramos, pois, Campos Gerais de Rio Branco, da Mantiqueira, etc.

No sentido econômico, "os gerais" da Bahia Central, além de abrigarem manadas de gado bovino, representam áreas de grandes possibilidades que, lentamente, vão entrando em maior exploração.

O tucum, palmeira que cobre os gerais, de altura média de meio metro, ainda não foi convenientemente aproveitado. O mesmo acontece com o pequizeiro, na-

tivo da região, que fornece um fruto nutritivo e excelente.

A criação do gado será maior quando se intensificarem os meios de transporte.

Nos chamados gerais da Bahia Ocidental, os campos agrestes são aproveitados para » salvação do gado, nas épocas da seca.

Aí vivem os geralistas, isto é, os habitantes dos gerais, morando em casas simples feitas de "buriti".

A vida é paupérrima, e quase todos vivem da caça e alguns da extração do látex da mangabeira.

53 GRUTAS CALCÁREAS DO SAO FRANCISCO

A formação calcárea do São Francisco, depois de abranger uma área considerável nas cabeceiras do rio, se estende, acompanhando-o em rumo norte. É dentro dessa enorme zona que se situam as ocorrências de grutas calcáreas. É possível pensar-se ter havido na região uma transgressão marinha, realizada possivelmente no período siluriano, constituindo os sedimentos a série Bambui-São Francisco.

Se a mais afamada gruta calcárea em Minas Gerais é, por sua beleza, a de Maquine, ou por sua importância histórica, a de Lagoa Santa, a de maior renome, na Bahia, corresponde à de Bom Jesus da Lapa. É uma curiosa gruta, situada num serrote isolado, perdido na vasta planura em derredor. As escarpas da elevação foram caprichosamente esculpidas pela erosão e caem quase a pique sobre o rio. A gruta se localiza à margem d'água, ostentando formas curiosas que lembram a de uma catedral gótica.

O calcáreo de Bom Jesus da Lapa é de côr cinzenta quase negra.

Nessa gruta, no século XVII, fundou o Padre Francisco da Soledade um santuário — o do Bom Jesus da Lapa — e organizou, com bases sólidas, o culto que, no interior da Bahia, nada mais é que um capítulo da historia bandeirante. Uma estalagmite de 1, 10 metro de altura serve de pia batismal.

De maio a agosto de cada ano, é avultado o número de romeiros que, progressivamente, aumenta até o dia da celebração da festa tradicional do santuário. Por ocasião da festa, o porto de São Francisco apresenta o máximo de seu aspecto desusado e festivo, com as centenas de embarcações atracadas ou em evolução.

Nas paredes do santuário ficam as reminiscências das peregrinações, retratos, figuras de cera etc.

54

MANGUEZAIS

Localizam-se os manguezais nas margens das enseadas e das lagunas e nos estuários dos rios das zonas litorâneas dos países tropicais e subtropicais.

O principal gênero dessa espécie vegetal encontrado em nosso litoral é — o mangue vermelho.

Atribui-se aos primeiros colonizadores a classificação de "mangue" a toda essa formação botânica do nosso litoral, estendendo-se a denominação não só à planta, como ao local onde viceja.

A planta apresenta uma curiosa conformação: alguns dos ramos se voltam para baixo e vão crescendo, até que alcançam a maré e se enchem de ostras. Atingindo o chão, os ramos criam raízes e emitem novos galhos.

A maior ocorrência de manguezais estende-se do litoral do Espírito Santo até à costa maranhense, sendo que no Nordeste existem associações mais densas. Além de várias qualidades de peixes, na sua parte alagada, diversas espécies de crustáceos e de moluscos são encontrados nos "manguezais", bem como algumas aves, notadamente as pernaltas, como o soco. Há também um pequenino mosquito, o maruin, que cieixa à noite os mangues para atacar tudo e a todos.

O aproveitamento econômico das áreas de mangue é bem antigo, pois os indígenas aí buscavam alimentação, apanhando caranguejos.

Os portugueses usaram a argila para "purgar" o açúcar no período colonial.

O barro é também aproveitado para fazer fornos, telhas e tijolos nas olarias.

Apesar da derrubada dos mangues, em grande escala (o que aliás é proibido), a proliferação dessas espécies de certo modo compensa a devastação. A espécie mais procurada é a do "mangue vermelho" que dá um lenho rijo e pesado.

A casca contém grande proporção de tanino e é vendida para os curtumes do litoral.

55

MUXUANGO

O "muxuango" é um tipo rústico de planície de restingas, encontrada entre a população rural da costa e da baixada fluminense. Não entra na massa do proletariado agrícola.

O solo em que trabalha é quase sem valia e sendo precários os meios de transporte, as culturas empre-

endidas deixam de ser remuneradas. Passa então a executar outros trabalhos; a pesca e a caça, o fabrico de farinha de mandioca, de cestas, de peixe seco e salgado, de objetos de barro. Esses produtos são levados às feiras típicas locais. Por ali vaga o "muxuango" endomingado, num ambiente todo seu. Vem de longe, traja terno riscado e camisa de zefir. Colarinho é luxo. Mesmo o de mais posse tem o andar sempre cansado. Seu ar tímido e arisco é o de um caipira do interior do país.

A braços com o brejo, com a areia e com a vegetação raquítica, esmorece numa luta estéril. É um vencido. A terra subjugou o homem. A face pálida e inexpressiva revela a verminose, o paludismo e a anquilostomíase.

O "muxuango" é um tipo exclusivamente branco. Olhos verdes ou azulados. Lábios finos e nariz reto. Embora a família seja muito prolífera a habitação é sempre pequena, baixa e acanhada.

56 NEGRAS BAHIANAS

A bahiana é um tipo característico da tradicional cidade do Salvador. Sua origem é africana, predominantemente do grupo cultural sudanês, com grande influência maometana, a qual é refletida no vestuário e na religião. O traço característico é, sem dúvida, a indumentária: turbante muçulmano, compridas e largas saias, vistosos chalés, batas de veludo, adereços e pingentes, figa de guiné, uma profusão de jóias custosas.

Diz Gilberto Freire: "São, em geral, pretalhonas de elevada estatura. Heráldicas. Aristocráticas. A elevada estatura é, aliás, um característico sudanês".

É pelo vestuário que a bahiana se tem celebrizado, sugerindo belas fantasias para os folguedos carnavalescos. A graça e faceirice que possuem quando moças, bem como o gosto pela música e canto, têm servido de motivo para inúmeras composições populares. Daí sua influência enorme no folclore nacional.

Na gravura, vêmo-la, no desempenho de sua atividade principal: o comércio de quitutes. Sentada, diante do tabuleiro transportável, é encontrada vendendo seus preparados saborosos, feitos segundo receita africana, que lhe foi transmitida pelas gerações: guloseimas, nas quais a pimenta e o azeite dendê são os condimentos mais frequentes. O "acarajé", o "abará", o "vatapá", o "caruru", o "pé de moleque, figuram no tabuleiro da bahiana.

A negra bahiana tem uma longa e triste historia. Sua raça, seus hábitos e costumes, sua indumentária e atividades nos evocam um doloroso e sombrio episódio — a escravidão negra.

Do ponto de vista religioso, grande parte dos descendentes de negros bahianos adota o catolicismo, associado a rituais africanos. Sincretismo evidenciado nos candomblés. A negra bahiana, na sua indumentária e em seus hábitos, mostra muito bem a aculturação das diversas etnias que influenciaram o povo brasileiro.

57 O ESPIA

Quando se aproxima a época em que a tainha sobe a costa, em busca de águas mais quentes, para a desova, vai uma agitação intensa pelos núcleos de pescadores do litoral paulista, a Nordeste de Santos.

A aproximação do cardume é acompanhada com toda a atenção e os pescadores aprontam o material para a tarefa que se avizinha.

Enquanto todos esses preparativos se processam, numa faina coletiva que caracteriza a população litorânea, há um elemento que já está em função, de cujo exato desempenho dependerá o êxito do cerco que os pescadores farão. É o espia.

Do alto de uma costeira favorável ou de um ponto elevado da praia, onde possa avistar as águas oceânicas, sua vigilância não tem pausa.

Antes que qualquer pessoa perceba, está acompanhando os movimentos dos peixes, deles prenunciando a aproximação, sentindo o rumo e até avaliando o número.

Dia após dia, noite após noite, aguarda o aparecimento do cardume e, quando verifica a sua chegada nas águas próximas, pertence-lhe o sinal que dá começo à intensa atividade que consome a população local.

Rolam-se as canoas praia abaixo.

Mais atento do que nunca, o espia do seu posto, com sinais de braço, desenvolve a manobra dos barcos.

O sinal do espia é decisivo. Lançam-se as redes.

Está pronto o cerco, que fica complementado pelas tarefas miúdas.

Acabada a pescaria, quando todos se aprestam para a partilha do peixe, reunidos em volta dele na praia, "esse general dos cercos de tainha", como denominou Carlos Borges Schmidt, tem a sua paga. De acordo com a sua responsabilidade e a importância do seu trabalho, seu quinhão é maior.

58 PLANÍCIES DOS GOITACAZES

Na gravura vemos um aspecto da Planície dos Goitacazes, em Campos, estado do Rio de Janeiro.

O rio Paraíba do Sul atravessa a planície de oeste para leste.

É no rumo sudoeste que a paisagem se apresenta mais movimentada e atraente. As elevações da Serra do Mar barram, em parte, o horizonte nessa direção, quebrando a monotonia da planície aluvial. Na planície quaternária notam-se ainda, plataformas, provavelmente do terciário, que chegam à cota de 30 metros da margem esquerda do Paraíba.

Extensos canaviais dão um colorido verde claro à imensa planície, salientando-se as silhuetas das usinas com suas chaminés típicas, côr de tijolo.

Canaviais e usinas, tendo em derredor casas bem construídas, integram hoje a moderna paisagem açucareira de Campos. Vemos, de um lado a atividade agrícola — os extensos canaviais, de outro a atividade industrial — as indústrias do açúcar.

Renques de eucaliptos orlam esses canaviais, muitas vezes interrompidos pelas relíquias, possivelmente, da floresta original. Destacam-se ainda: a agitação de homens e de veículos, trens de ferro e carros de boi, as operações de plantio, as atividades da safra, a partir de maio, processos de fabricação, transporte de combustível e do produto acabado aos mercados com' pradores.

As usinas aproveitam um terreno plano e humoso. de várzea e massapé, por onde se alastram os canaviais, que as alimentam em abundância. As condições ubérrimas do solo explicam a razão de tantas cha-

mines de usinas, observadas sobre uma área proporcionalmente pequena e, também, um dos motivos fortes de todo o poderio econômico atual de Campos e da sua própria evolução social.

59

PRANCHAS

Singrando as águas do Paraíba, as "pranchas" servem às populações das vilas que se situam entre São Fidélis e São João da Barra, ou transportam a mudança dos que buscam Atafona ou Gargaú fugindo ao calor de Campos. São utilizadas para o abastecimento dessa cidade e permitem o comércio entre pontos extremos da navegação do baixo Paraíba. Além disso, transportam o carvão vegetal e a lenha, das matas próximas, necessários ao trabalho das usinas de açúcar e aos serviços urbanos.

Frutas, queijos e manteiga das fazendas vizinhas, chegam a Campos nessas simples embarcações. São comprados a um e a outro no percurso feito e conduzidos para a cidade onde o lote é adquirido por indivíduos que o enviam ao mercado. Feijão, milho e café vêm de São Fidélis, sendo geralmente a rubiácea adquirida em Cantagalo. Em troca, certos gêneros, entre os quais o açúcar, a gasolina e ferramentas, são obtidos em Campos. São João da Barra envia para essas cidades o conhaque de alcatrão e abôboras, chamadas de areia.

Há indivíduos que possuem dez a doze pranchas, pagando empregados para o trabalho de comércio e direção das mesmas. Os portos da Banca e o da Cadeia são os locais onde geralmente estacionam.

Pranchas ou chatas, como também são conhecidas essas embarcações, em virtude da forma do fundo, adaptam-se à navegação do baixo Paraíba, mesmo na época de estiagem.

60 REGIÃO CENTRAL

DE MINAS GERAIS

O passado geológico da região central de Minas Gerais remonta aos primórdios da formação da crosta terrestre. As rochas arqueanas e algonquianas, (complexo cristalino brasileiro), sob o ponto de vista geo-morfológico, formam atualmente um relevo que é o resultado de dobramentos e falhamentos trabalhados intensamente pela erosão. Tais acontecimentos permitiram o afloramento de minerais diferentes.

As rochas resistentes (quartzitos, itacolomitos, itabiritos), pela erosão diferencial, aparecem ressaltadas e a linguagem popular fixou a toponímia de "serras" — a Serra do Espinhaço, por exemplo.

Os afloramentos algonquianos, embora representem talvez 4% do território da região, permitiram uma intensa exploração mineral, o que deu a esta região de Minas Gerais características especiais quanto à Geografia Humana.

O traçado das estradas, o sítio das aglomerações industriais e a localização dos centros de comércio, são expressões do acordo recíproco entre o homem e a natureza.

Foco de geral atração, sobretudo do colono europeide, que em consideráveis massas emigrou para o Brasil, nos séculos XVII, XVIII e XIX, tal região rica de ferro, ouro e diamantes, teve, outrora, dada a exploração intensiva das minas auríferas e diamantífe-

ras, realizada pelos bandeirantes e exploradores, uma decisiva atuação nos destinos da civilização brasileira. A exploração das minas presenteou o Brasil com um rosário de cidades ricas, alojadas ao pé das minas como Diamantina e Itabira, ou em terraços fluviais como Sabará, ou numa vertente abrupta como Ouro Preto. É de notar-se, também, a presença de elevada elite intelectual de juristas, prosadores, críticos, historiadores e poetas, em pleno ciclo de ouro de nossa história econômica, bem como a penetração de grandes ideias revolucionárias no século XVIII. Acrescenta-se a isso a riqueza da respectiva arquitetura religiosa e a importância dos palácios que na época se levantaram. Sob a ambiência favorável dessa riqueza de forças culturais, a arte brasileira produziu, então, em 1730, sua mais poderosa figura, António Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

61

RESTINGA

Entre os depósitos quaternários arenosos que guarnecem o litoral, as restingas se estendem pela faixa costeira ao sul da Bahia, até os limites de Santa Catarina com Rio Grande do Sul.

Restinga é um tipo de depósito marinho.

Segundo Lamago: "uma língua de areia, marginal à costa primitiva, de pequena elevação e de uma largura regularmente constante por grandes distâncias".

Sua origem pode ser explicada pelas correntes costeiras secundárias que, transportando areia, vão depositar esses sedimentos numa faixa paralela à linha do litoral. A presença de rios carregados de sedimentos arenosos e a pouca profundidade da costa, são

fatores que podem contribuir para a formação de depósito marinho. O professor Ruellan considera de importância as vagas que, batendo obliquamente ao litoral, vão transportando os sedimentos ao longo da praia.

As restingas concorrem para a retificação do litoral. Após a calmagem das lagoas costeiras, antigas reentrâncias da costa desaparecem.

Todas as lagoas do litoral brasileiro do sul, da Bahia à fronteira do Uruguai, são lagoas de restinga: Araruama, Saquarema, Maricá, Feia, Pirapetinga e Itaipu em São Gonçalo. Barra, Padre Guarapira em Maricá; Jacomé, Jacorés e Vermelha em Saquarema; Rodrigo de Freitas no Est. da Guanabara.

A gravura mostra a lagoa de Saquarema onde se observa a faixa de areia que a isolou do oceano.

Pelas escassas possibilidades econômicas as restingas pouca atração exercem sobre o elemento humano.

Tanto a agricultura como a pecuária são bastante limitadas, estendendo-se a primeira pelas margens úmidas das lagoas e a última pelas raras pastagens das baixadas. A produção de lenha e carvão vegetal, pequenas explorações minerais, podem constituir outras tantas atividades econômicas para os que aí vivem.

SALINAS

Ao longo de quase todo o litoral do Nordeste, sobretudo no trecho entre Macau (Rio Grande do Norte) e Cascavel (Ceará), como na região Leste, na zona costeira entre Cabo Frio e Araruama (Estado do Rio de Janeiro), possui o Brasil imensas e impor-

tantes salinas, cujos processos de obtenção do sal da água do mar decorrem das condições em que a evaporação natural se realiza, em cada zona considerada.

A paisagem salineira, tanto no Nordeste quanto no Estado do Rio, nos seus traços fisionômicos mais gerais e expressivos, enfeixa em conjunto certas analogias: vento intenso, aridez mais ou menos pronunciada, vegetação rasteira mesclada de cactáceas e bro-meliáceas. Figuram ainda os trabalhadores e os moinhos de vento que imprimem à paisagem um sopro de dinamismo.

Os caboclos fortes — resistentes a tudo: sol, terra, águas e ventos — de epiderme queimada, pés e mãos sangrando ao contacto dos cristais, são os trabalhadores do sal. O caboclo das salinas do Nordeste é ao mesmo tempo agricultor e pescador.

O maior centro brasileiro produtor de sal é o Rio Grande do Norte, seguindo-se o Estado do Rio de Janeiro, vindo depois com produção muito inferior: Ceará, Sergipe, Bahia e Maranhão.

No Rio Grande do Norte, a área de cristalização é superior a 5 milhões de metros quadrados, sendo o maior parque salineiro da América do Sul. Situa-se entre o delta do rio Açu e a foz do rio Moçorô.

O sal do Nordeste é, em geral, bom e seco, satisfazendo, no prazo de um ano, as melhores exigências da indústria de carnes. O mesmo não se dá com o de Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro, que, talvez pelas condições de clima, se apresenta, mesmo após vários meses de empilhamento, com maior teor de umidade, necessitando, para atender às necessidades da indústria de carnes, de uma modificação no critério de beneficiamento.

Na gravura vemos o tabuleiro quadriculado dos cristalizadores, com seus trabalhadores e moinhos de vento.

63 A CASA DO PRAIANO

A proximidade da serra, no litoral de São Paulo, não impede o aparecimento de numerosas praias, longas ou curtas, separadas umas das outras por pequenos morros. Neste ponto da costa vive hoje uma população pouco numerosa, com excessão. de Santos que se dedica à pesca.

Separando a praia da orla do planalto, estende-se a várzea. No contacto entre a várzea e a praia, de-senvolve-se uma cortina de vegetação, o jundu, que abriga as casas dos pescadores, ou caiçaras. São em geral de pau a pique, com cobertura de sapé ou de folhagem, de poucas portas e janelas que raramente são caiadas. O chão é de terra batida e sustenta uma parede central que separa um ou dois quartos da sala, onde rústicos objetos domésticos se acham misturados aos apetrechos de pesca. No fundo, um pequeno compartimento serve de cozinha, onde se prepara o peixe *c*, em certas casas, encontram-se a roda, a prensa e o forno, próprios ao fabrico da farinha de mandioca.

A construção, frágil como é, sob a ação contínua do vento e das chuvas, dura poucos anos. Quando começa a ruir, seus donos preferem construir uma nova a consertá-la.

Apesar do aspecto de miséria, o traço característico da casa do caiçara é a perfeita limpeza, que se estende não só à casa e à família, como ao próprio terreno. Ao lado da casa costumam plantar mamoeiro, bananeiras e um pezinho de café. Além, nos

terrenos enxutos, estendem-se pequenas roças que lhes fornecem o necessário alimento, especialmente o feijão, a mandioca e a cana. Esta é transformada em garapa, com a qual adoçam o café e em pinga que apressa a circulação do corpo, molhado pelos respingos do mar nas longas horas de trabalho.

Na gravura vê-se sentado, próximo à casa, o praiano calado e tranquilo a consertar sua rede.

64

AGREGADO

A personagem típica que gravita em torno das fazendas, quer da lavoura quer de criação, é o agregado. Reside em terras de uma fazenda ou engenho, mediante condições variáveis de um para outro estabelecimento. Vive em grandes áreas de Mato Grosso, Goiás, Bahia, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e certos trechos de São Paulo.

As relações entre o agregado e proprietário não são muito claras. Em princípio, tais relações consistem numa troca de serviços. O agregado recebe a terra para trabalhar e em troca da ocupação, a título gratuito da propriedade alheia, dedica, por exemplo, alguns dias de trabalho remunerado ao proprietário. Geralmente o agregado recebe permissão de fazer pequenas lavouras de subsistência, bem como a de criar porcos para cevar e aves domésticas. Às vezes pode ter um cavalo ou uma besta para seu uso particular, ou criar mesmo um certo número de reses. Em troca, o agregado dá ao proprietário uma parte da sua produção, conforme o acordo pré-estabelecido com o mesmo.

Na gravura vemos este tipo de agregado existente no planalto São Joaquim, em Santa Catarina.

Nas fazendas de criação e usinas dos pantanais Matogrossenses, o agregado costuma ter o direito de criar algumas cabeças de gado e pode fazer pequenas roças, independentemente da obrigação de auxiliar os trabalhos principais do senhorio, quando necessário. Isento de obrigações contínuas, poderá aplicar sua atividade como lhe aprouver, inclusive de maneira que obtenha produtos de plantações reduzidas ou de indústrias domésticas de valor comercial, como artefatos de couro, de sola, de peles de animais caçados, de cuja compra toca preferência ao seu chefe.

A amizade que une agregados e patrões, portanto, cresce e se fortalece sob o denominador comum da terra dadivosa onde vivem juntos e trabalham.

65

CACHOEIRAS DO IGUAÇU

Próximo ao ponto em que as terras de três nações sul-americanas — Brasil, Argentina e Paraguai — se defrontam, quando restam apenas 28 quilômetros para que o rio Iguaçu despeje suas águas no caudaloso Paraná, acham-se localizados os majestosos "saltos de Santa Maria", ou como se diz comumente: "as cachoeiras de Iguaçu".

Espetáculo de importância sem par e de inesquecível beleza, as quedas do Iguaçu assombram a quantos tenham a felicidade de contemplá-las.

Acima das quedas, o rio é bastante largo e mede um quilômetro, aproximadamente.

O maior volume das águas, porém, despenha-se junto à margem brasileira, em maravilhosos saltos, dentre os quais se salientam o União e o Floriano.

A extensão total dos saltos é de 2.700 metros aproximadamente, dos quais apenas cerca de 600 metros são pertencentes ao Brasil.

São dezoito os saltos principais, atingindo o mais alto 80 metros, variando porém conforme as épocas do ano. De modo geral, pode-se dizer que a altura média das quedas é de 70 metros.

Abaixo das quedas, todas as águas se reúnem novamente, sendo compelidas a correr numa estreita garganta, até que, já bem mais calmas, atingem o rio Paraná, medindo nessa altura o rio Iguaçu a largura de 400 metros.

O Parque Nacional de Iguaçu é o mais extenso dos parques nacionais brasileiros. Embora a flora e a fauna nele existentes sejam de molde a merecer a admiração daqueles que o visitam, o motivo principal de atração para o Parque é constituído inegavelmente pelas maravilhosas cachoeiras do Iguaçu.

66

CAFEZAL

Tão importante foi a influência da cultura do café, no progresso e na civilização brasileira, que mereceu de eminente estadista do Império a justa apreciação: "O Brasil é o café".

Por onde se estenderam os cafezais, estradas se abriram e cidades apareceram.

O cultivo do café, iniciado justamente quando se verificava a crise da mineração, deu ao Brasil muito mais riqueza do que o ouro extraído das suas minas ou lavado nos seus rios.

Relativamente às condições climáticas, exigidas pelo cafeeiro para o seu pleno desenvolvimento e produção, decisivos são a temperatura e o regime de chuvas. A planta não suporta calor nem frio excessivos e é para protegê-la contra o excesso de calor que, nos países tropicais, se pratica o sombreamento dos cafezais.

Na plantação dos cafezais é importante também a altitude, por causa das geadas. Quanto às condições do solo, a "terra roxa" (solos derivados de rochas básicas) e o massapé reúnem as qualidades ideais para o bom rendimento do café.

Em São Paulo, as plantações são feitas de preferência entre 600 e 850 metros, para evitar os prejuízos que as geadas possam causar, principalmente aos cafezais mais jovens.

Contrastando com a superioridade natural da grande região cafeeira paulista, os outros estados que produzem também café — Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia — não apresentam, no seu conjunto, condições tão favoráveis.

Depois de ter galgado a "serra" do Mar, o cafeeiro subiu o vale do Paraíba do Sul e se instalou no planalto paulista. Em consequência do sistema de plantio e do desconhecimento de técnicas agrícolas avançadas, os solos dessas regiões foram profundamente erodidos, determinando a decadência econômica de extensas áreas. O café procurou sempre terras virgens, deixando atrás de si mudanças na estrutura agrária.

A imigração e a industrialização em São Paulo estão ligadas ao ciclo do café.

Na abertura de novas áreas para a agricultura, o caboclo processa a derrubada e a queimada tradicionais. Instalam-se então os "colonos" estrangeiros que, por contratos de tipo diferente, trabalham para o dono

da fazenda. Pelo lucro que as fazendas novas podem trazer, o colono se desloca constantemente com a sua família.

Nas zonas mais antigas as relações de trabalho são diferentes, predominando a "meia", a "terça" ou mesmo empreitadas.

Por seu sistema de plantio, pela dependência do mercado internacional, o café tem sido influenciado fortemente pelas crises econômicas mundiais.

67 CAMPOS DE CRIAÇÃO

DO RIO GRANDE DO SUL

A gravura focaliza um aspecto típico dos campos meridionais do Rio Grande do Sul.

Estes campos, extensões consideráveis, são revestidos por vegetação gramineácea variada, prestando-se admiravelmente à criação em larga escala. De três fatores importantes: diversidade de solos, diferenciações climatológicas locais e acidentes topográficos, resultam as múltiplas variedades de pastagens nativas que se distribuem por diversas partes do território gaúcho.

Os campos de criação se distribuem geralmente: nas planícies e baixadas da região sul do estado, constituindo a campanha gaúcha; e ao norte, na região serrana ou do planalto, invadida por vegetações arbustivas e semeada de pinheiros, conhecida por "savanas de araucária".

A campanha é a região quase plana, levemente ondulada por elevações de pouca altura — coxilhas — e pobre de grandes rios.

Sua umidade é assegurada pelas chuvas e, em certos pontos, pela água armazenada nas "sangas",

valas de escoamento das águas pluviais e dos banhados e brejos.

Apesar do inverno ser rigoroso e gear, as pastagens meridionais não sofrem com este fenômeno porque, nesta época, sopra o "minuano", vento característico da estação, que limpa a cobertura vegetal do orvalho congelado, formado às primeiras horas do dia.

O rebanho bovino do Rio Grande do Sul é o maior e o melhor do Brasil, pelo número de cabeças e pela seleção das raças. São elas: "Hereford", "Polled Angus", "Shorthorn", Holandesa.

Grande é o número de charqueadas e de fábricas de produtos derivados.

Importantes frigoríficos preparam e exportam considerável quantidade de carne congelada para todos os estados do Brasil e para a Europa.

68 CAMPOS DE

GUARAPUAVA

O Brasil, sob o ponto de vista geográfico, é conhecido como o país das florestas.

Dadas as variações climáticas numas regiões e as condições de solo em outras, ou em virtude de ambos os fatores, acrescidos das condições de relevo locais, o Brasil pode ser também chamado o país dos campos.

No estado do Paraná, os campos de Guarapuava tendo sido uma zona de grandes possibilidades para o desenvolvimento da pecuária, são hoje uma região decadente. Esta imensa extensão de campos está limitada a leste pela serra da Esperança e ao norte pelas serras de São João e Juquiá.

Os campos são levemente ondulados e revestidos de vegetação gramineácea e subarbustiva.

Quebrando a monotonia desta paisagem aparecem ilhas da mata, os capões, dominados por imponentes araucárias.

A distribuição da água no subsolo explica o aparecimento de tais capões, em meio da imensidão dos campos. É nestes frondosos capões que o gado busca refúgio contra os raios de sol.

Outras formações florestais entremeiam os campos: são as matas ciliares que se alongam quais rios de verdura pelas margens dos cursos d'água.

Os campos de Guarapuava foram outrora importante zona de criação do gado.

Com a abolição da escravatura, o gado, sem trato pela falta de braços, ficou inteiramente abandonado nos campos. Atualmente, apesar de reduzida, a criação de gado bovino, suíno e cavalari constitui a atividade humana mais importante nos campos.

69

CHARQUEADA

A indústria do charque, no Brasil, está estreitamente ligada ao desenvolvimento da pecuária que, no Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e São Paulo, permitiu a instalação de vários estabelecimentos do género. Nestes estabelecimentos, denominados charqueadas, o gado é abatido para o fabrico da carne seca salgada, mais conhecida na Amazônia por "jabá", no nordeste por carne de sol e carne de vento, no centro do país carne seca e no sul charque.

A matança do boi geralmente principia pela madrugada. Nela tomam parte os carneadores, despos-tadores, manteiros, descarnadores de couro, tripeiros, bem como os salgadores que manejam as pás nos tanques com salmoura.

Morto o animal e depois de retalhado, seguem as matanças, isto é, as partes musculares ou as postas de carne para o salgadeiro ou salga, lugar onde a carne recebe o sal. Depois são empilhadas para perder a umidade e assim permanecem até ficarem completamente enxutas.

Do salgueiro vai então a carne para os varais. Nestes varais são suspensas mantas para secarem ao sol e ao vento.

A gravura mostra u'a matança realizada na charqueada Santa Tereza, em Bagé, Rio Grande do Sul.

Tão familiar é o charque ao homem do país que, ao lado do feijão e da farinha de mandioca, tem a carne seca figurando como alimento básico, na cozinha sertaneja. Além disso, é elemento indispensável no preparo do prato nacional, universalmente conhecido por "feijoada brasileira".

70 CARROÇAS

COLONIAIS DO SUL

Dada a vastidão do seu território, composto de diversas regiões, o Brasil possui variada coleção de meios de transporte típicos.

As carroças do Sul do Brasil, que constituem uma de suas notas mais características, vieram de outras terras longínquas, trazidas pelos estrangeiros: os colonos poloneses e russos uranianos.

Estes veículos estão largamente distribuídos pelo Paraná, nos municípios de União da Vitória e Ponta Grossa; em Santa Catarina, nos municípios dos vales do Itajaí e Itapocu.

Sendo, em princípio, veículos agrários, os carro-ções transportam produtos da lavoura para entre-

postos distribuidores, mas servem também como veículos de circulação local e geral.

No sul do Brasil são os seguintes veículos coloniais: carroças, carretas e carretões ou carroções.

A carroça é um veículo de peso leve e sem coberta, tendo duas rodas, dois varais e puxado por um só animal. É utilizada no transporte de água ou de pequenas mercadorias. Sua origem é portuguesa.

A carreta tem quatro rodas e é semelhante ao carretão. Destina-se ao transporte de carga regularmente pesada. É o veículo intermediário em tamanho e capacidade de peso. Conforme o peso da carga e tendo em vista o maior ou menor aclave ou declive da estrada por onde passa, é puxado por dois, três, cinco ou seis animais. A carreta pode, ou não, ter toldo. O uso dessa cobertura depende da resistência das mercadorias às intempéries.

O carretão ou carroção, cujo desenho ilustra estas linhas, pouco difere do tipo anterior, sendo uma carreta em ponto maior. Os cavalos variam em número e disposição, segundo o peso da carga e a topografia do terreno.

As rodas da frente do carretão são menores do que as de trazeira.

Utilizadas em viagens de longo percurso, que duram dias, semanas e meses, a carroça obriga aqueles que com elas trabalham a levar uma vida-nômade, tornando-se assim verdadeira casa ambulante.

71

CARRETEIRO

Ligada à carreta, a figura do carreteiro fica pertencendo, com exclusividade, ao ambiente pastoril do extremo sul.

Em outras regiões, conduzindo carretas ou carros, o homem é o carreiro e trabalha habitualmente a pé. A carreta ou carro é mero meio de transporte, um utensílio de trabalho.

Para o carreiro da Campanha, a carreta é muito mais que isso. Se em boa parte serve ao transporte de couro, de lã, de fardos de toda espécie, serve também de meio de transporte da família em longas jornadas. Nelas viajam, vivem, dormem os seus.

Para conduzir os bois, usa o carreiro processos especiais, em tudo diferentes dos que empregam os carreiros de outras regiões. Outro é o seu modo de tanger, de parar, de subir e descer ladeiras, de desatolar e de transpor um passo.

A diferença principal está em que o carreiro é um homem montado. Não conduz do alto da carreta, nem a pé e não apeia quase nunca. Resolve os seus problemas do alto da sela. Não grita e não se extrema em vozes. Como a própria carreta é silencioso, sem o cantochão monótono dos carros de bois de outras regiões.

Não apeia para conduzir e nem por costume toma parte na carga e descarga quando a carreta serve de transporte de qualquer material.

Em muitos casos, o carreiro não trabalha zòzi-nho. Reveza com outro.

72 COLHEITA DO

CAFÉ

As fazendas de café, com suas inúmeras instalações, com seus mares de cafezais que, em linhas retas, paralelas, estendem-se a perder de vista, subindo e descendo colinas, enchem-se de atividade desusadas e

grande animação no período da colheita, cuja faina exige o trabalho indiscriminado de homens, mulheres e crianças.

O período de pleno rendimento para os cafeeiros começa aos 7 ou 8 anos, estendendo-se até 15 e às vezes 20 anos. Quando os cafezais são bem tratados, embora com pequeno declínio, ainda podem produzir até 40 anos.

As variedades de cafeeiros mais cultivados no Brasil provêm de *Coffea Arábica*. São essas: o cafeeiro nacional ou comum, que constitui a variedade existente nas maiores plantações e se distingue dos demais pela sua maior resistência e robustez; o amarelo ou de Botucatu, cujos grãos são muito ricos em cafeína, sendo o seu produto de boa aceitação nos mercados. O Bourbon, que por ser muito exigente é sobretudo plantado nas melhores terras, isto é, mais ricas e profundas. Produz mais rapidamente que o nacional, mais é muito sensível aos ventos frios e geadas; finalmente o Maragogipe, que é o que mais se desenvolve, sendo porém pouco produtivo.

Dois processos mais comuns são adotados nas colheitas do café: o do chão e o do lençol.

O primeiro é ordinariamente seguido, tanto na extensa região cafeeira paulista, quanto nos demais estados produtores do café do Brasil.

O processo da derriça, tendo a vantagem de ser bastante rápido, apresenta, no entanto, o grande inconveniente de prejudicar o crescimento ulterior do cafeeiro porque, na faina da "apanha", os colonos derrubam folhas, quebram galhos e brotos. Depois de colhido o café, as cerejas são catadas e peneiradas para expurgá-las das impurezas. Em seguida são ensacadas e postas em cestos e levadas para os terreiros

e postas a secar. Finalmente são submetidas às máquinas de beneficiamento e preparadas para a venda aos mercados consumidores.

O método do lençol é utilizado nas fazendas que preparam o café por via úmida.

73

COXILHAS

O movimento de terreno, a que cabe a designação de coxilha, aparece na região que se desenvolve ao sul da depressão central, no estado do Rio Grande do Sul.

O que caracteriza principalmente a coxilha é, sem dúvida, a fraca declividade.

Ezequiel Martinez Estrada, estudando o ambiente físico gaúcho, expressa nitidamente a impressão de quem aprecia o largo ondular das coxilhas: "Quem vai aos campos do Sul e ao pampa não vê nada. A planura não lhe sugere nenhum sentimento estético que possa exprimir com palavras ou por outros meios. Unicamente é a solidão".

Aquele que busca dominar o panorama das coxilhas, realmente sente a imprecisão dos traços. O olhar não pode definir as linhas do terreno, as ondulações são suaves e por vezes quase imperceptíveis. Quando muito, por determinados lugares, há um cerco, um movimento mais pronunciado, que quebra a uniformidade vazia da paisagem.

O geral, porém, é a imprecisão, a indeterminação das linhas, a confusão dos planos, a ausência de perspectiva.

E não é a planície, porque o olhar acompanha as suaves ondulações, sente as curvas do terreno, apenas não lhes pode assinalar as mudanças e nem sequer determinar o rumo dos divisores.

74

ERVAIS

A partir do extremo sul paulista, as catanduvras locais principiam a ser conhecidas por faxinais, à proporção que se salientam nas grandes altitudes, como que seguindo a ocorrência dos pinheirais e buscando a direção sul.

Em toda a enorme área do faxinai, assim como na araucária, acompanhando os pinhais, surgem as plantas de mate, constituindo os ervais, que são tanto mais ricos nos faxinais quanto maior fôr a queima deste últimos.

As plantas de mate chegam, às vezes, a extravasar os próprios limites dos pinhais para se interporem entre faxinais e campos, nas suas avançadas para o norte e para o oeste.

Em Mato Grosso, desenvolve-se no sueste; no território paraguaio, crescem na região nordeste.

No Brasil Sul, os ervais tanto aparecem nas serras quanto nas vertentes ou encostas e ainda nas planícies e campinas. Tais bosques naturais surgem nas florestas onde dominam, além dos pinheiros, as essências brasileiras como a peroba, a imbuia e tapi-nhoãs. Outras canelas espontam, constituindo a vegetação média, de preferência em terras do planalto paranaense, a partir da encosta da Serra do Mar.

Como exemplo de ervais compactos podem ser apontados os que se estendem no Paraná, por todo o trecho navegável do rio Iguaçu, desde o porto Amazo-

nas até União da Vitória, passando por São Mateus e Palmira. Em Santa Catarina prevalecem no planalto norte onde correm os rios Negro, Iguaçu, Uruguai com seus afluentes.

O *Ilex Paraguaiensis*, tanto nativo como cultivado, fornece, depois de "queimadas" as suas folhas, uma bebida muito apreciada no sul do país. Por suas qualidades o mate merece uma maior difusão no Brasil, o que, aliás, está afeto ao Instituto Nacional do Mate.

75

ERVATEIROS

Não é possível caracterizar o verdadeiro tipo de ervateiro, porque são bem diversas as condições e a origem dos trabalhadores dos ervais e um tanto diferentes as feições físico-geográficas das zonas onde o mate é colhido, como no caso das duas regiões principais de produção: o oeste paranaense e o sueste matogrossense.

Penetrando nos ervais ao cabo do primeiro semestre do ano, afim de realizarem a colheita do período de junho a outubro, os ervateiros, chegado o verão, retornam aos campos e às pequenas culturas para, já no inverno próximo, irem repovoar a floresta.

A adaptação da floresta ao trabalho da extração da erva consiste, de início, no estabelecimento de ranchos ou acampamentos de tendas onde, em bandos, turmas ou secções, passarão os ervateiros os meses necessários à colheita das folhas, pecíolos e pedúnculos das plantas. Perto dos ranchos constroem-se jiraus ou carijôs, ou então barbaquás, com o propósito de neles se realizar futuramente e conforme o sistema preferido, a "dissecação" completa das folhas, pecío-

los e pedúnculos, após a operação preliminar denominada "sapeco" ou "sapecagem".

O rancho é composto de um tríplice aparelhamento: barbaquí (ou aparelho de secagem), do can-cheador (ou aparelho de trituração do mate) e da peneira (ou aparelho de coagem).

Colheita, sapecagem, condução, dissecação, são as fases importantes na vida profissional do ervateiro e devem estar terminadas no prazo de vinte e quatro horas.

EXTRATORES DE PINHO

O pinho do Paraná, dentre todas as riquezas florestais brasileiras, é a mais cobiçada.

O pinhal adquirido pelo madeireiro encerra, no seu conjunto, uma intensa atividade humana.

As serrarias, para beneficiamento da madeira, são instaladas no interior do pinhal. Com todas as dependências, — os galpões, as casas de madeira dos trabalhadores, com terreiros e diminutas hortas — as serrarias apresentam o aspecto de pequenas e movimentadas vilas.

O trabalho da extração do pinho requer homens fortes, peritos e afeitos à vida difícil, e cheia de imprevistos das matas.

Desbravando as matas, abrindo picadas, munido de facão, foice, machado, vai na frente o marcador, assinalando, com talho feito na casca do pinheiro, aqueles que devem ser abatidos, classificando-os segundo sua grossura.

Os "toreiros" são encarregados da derrubada das árvores e preparo dos toros. Em geral são três homens fortes e acostumados ao trabalho braçal.

Partem eles para o interior dos pinhais no início da semana, onde ficam, até sábado à tarde, entregues à sua faina extrativa.

Depois de prontos, os toros são levados pelo "estaleirador" ou "boiadeiro" para a serraria, onde são industrializados e transformados em tábuas, pranchas, vigas, laminados etc. e exportados para consumo.

A melhor época para a derrubada do pinho é de maio a agosto.

A atividade econômica diminui e desaparece à medida que a floresta se extingue.

A devastação dos pinhais não tem sido equilibrada com o reflorestamento. Em pouco tempo (20 a 30 anos, no máximo), prevê-se a extinção dos pinheirais, se continuar a derrubada no ritmo atual.

77 O

BANANEIRO

A bananeira é uma das plantas mais difundidas no Brasil: sua cultura para fins comerciais data de meio século.

As maiores plantações estendem-se no trecho entre Angra dos Reis e Paranaguá.

Dentre as variedades cultivadas: a banana "nanica", água ou caturra, por ser mais resistente às variações do tempo, às pragas, (mal de Panamá), pela facilidade da colheita, por seu pequeno porte e cachos mais baixos é a banana destinada à exportação.

O trabalhador do bananal é o habitante da região, tem fraco sentimento de amizade ao patrão e apêoro à terra e conserva todos os hábitos de nomadismo tão difundido entre nós.

Há dois tipos desses trabalhadores nos bananais: o "camarada" e o trabalhador sem contrato. O primeiro toma a empreitada da cultura de certa superfície e tende com o tempo a se tornar mais independente, transformando-se em agregado. O segundo, em geral, é gente do Alto Ribeira que desce em época da carestia para ganhar um pouco de dinheiro com o qual faz um pequeno provisãoamento que leva de regresso.

A cultura, em suas diferentes fases, exige muito cuidado e trabalho por parte do bananicultor.

O primeiro serviço a ser feito é a limpeza do mato mais baixo: a "roçada", em que se utiliza a foice e é necessário muito pessoal para ser realizada com rapidez. Tudo deve estar limpo para, em junho, começar-se o plantio que se prolongará até janeiro.

A colheita é feita um ano ou pouco mais depois da plantação, ocasião em que reina intenso movimento no bananal.

78 O

GAÚCHO

Ao quadro típico da campanha sul rio grandense corresponde um tipo humano regional característico: o gaúcho.

É em pleno campo ou na região da fronteira que êle aparece com seus costumes, seus hábitos característicos. Existe também na cidade, sem perder contudo o traquejo da vida campeira.

O seu hábito natural é a estância, da qual é dono, vaqueiro, capataz ou peão.

O gaúcho é vaqueiro do Sul. Não se aparta do seu cavalo, que é para êle de extraordinária importância. Nunca anda a pé. O "pingo" é o seu meio

de locomoção natural e predileto na vastidão da campina.

O gaúcho leva uma vida simples, independente e livre. Sem morar na casa da estância, sua habitação é semelhante a um rancho situado no próprio campo de trabalho.

A equipe de uma estância varia de dezenas a centenas de homens, conforme o número das cabeças de gado.

Cada homem tem casa e alimento; do salário que recebe, separa certa quantia para o tratamento do seu cavalo, no que é extremamente cuidadoso.

Quanto à alimentação, o gaúcho se nutre melhor que o seu irmão sertanejo. Seu prato regional é o churrasco, carne assada no espeto à qual junta salmoura, sendo a faca o único talher de que se utiliza.

Não dispensa o chimarrão, trazendo sempre a bomba e a cuia para a bebida clássica.

O chimarrão é a infusão em água fervente das folhas de mate pulverizadas.

O vestuário é característico: chapéu de couro ou de feltro de abas largas, o "poncho" amplo; ao pescoço o lenço geralmente de cores vivas, de nó corrediço; uma camisa de lã ou de couro grosso; à cintura "a guaiaca" (largo cinto), onde traz a faca na bainha e a garrucha no coldre; as "bombachas", calças largas, apertadas no tornozelo; as botas com "chilenas" e finalmente ao pulso, a presilha do rebenque de várias tiras.

79 O

URU

Embora conhecido de velhos tempos, somente após a Guerra do Paraguai vulgarizou-se o uso do

mate. Atualmente, na área compreendida entre a calha do rio Paraná e serra de Maracajú, a exploração é intensa, tanto nos ervais como nos plantados.

O elemento humano que aí trabalha é quase sempre paraguaio de procedência, de caráter nômade, ligado aos períodos da coleta e do primeiro beneficia-mento da *Ilex Paraguaiensis*.

Os termos ligados à exploração ervateira estão ligados à origem do trabalhador.

O erval primitivo tem o nome de "caati".

Aos trabalhadores dedicados à colheita da erva, ficou convencionalmente chamar "mineiros".

Deu-se o nome de "uru" ao trabalhador que, nos ranchos centrais conhecidos como "barbaqua", cumpre um dos mais pesados e difíceis misteres do tratamento primário da erva colhida do cancheamento.

Trazida a erva para o "barbaqua", nele passa pelo tratamento a que nos referimos, cuja parte principal cabe ao uru. Colocada num recinto gradeado e suspenso cerca de metro e meio acima do solo, recebe o calor provindo do fogo aceso abaixo do solo. Deve ser apenas "sapecada", de sorte que se torna indispensável seu revolvimento constante. Esse é precisamente o serviço do uru: revolver a erva colocada no recinto suspenso enquanto ela recebe o calor da chama colocada abaixo do solo.

Pela sua intensidade, pelo esforço que exige, pelo calor a que está sujeito, o trabalho do uru é dos mais penosos, respirando a fumaça que se desprende.

O nome parece ter derivado do uru, pássaro do Brasil Central. O homem acompanha sua atividade com um grito idêntico ao da ave. Essa forma primária do canto é que lhe confere o lenitivo para o trabalho.

80 O
GALPÃO

Próximo à casa do estancieiro, não raro em anexo, o galpão constitui peça característica da estância, na zona pecuária do Rio Grande do Sul.

Hoje destina-se ao pessoal do trabalho com o gado. Apesar de não ser depósito, serve de abrigo do material da lide diária dos peões.

Construção rústica, entaipada, é a morada comum dos peões. Não só comem ali, como dormem e se reúnem nas horas de folga.

Deve ser espaçosa, de forma a permitir o repouso do pessoal, a guarda do arreamento e dos instrumentos de trabalho. Uma de suas peças essenciais é o fogão central, em torno do qual se ajuntam os homens da estância.

Reunindo-se em redor do fogo, aproveitam as folgas para tomar o mate, para comer, para as longas conversas que constituem a diversão costumeira.

Enquanto a cuia passa de mão em mão, os peões contam os casos do dia, os episódios do trabalho, os acontecimentos miúdos.

Elemento essencial da paisagem da região, constitui interesse geográfico por ser a morada coletiva e típica, refletindo não só condições materiais, como relações humanas que representam alguns dos traços principais do tipo de atividade adaptada ao ambiente físico da região.

81
PEÃO

No período colonial iniciou-se a industrialização da carne no Rio Grande do Sul. A época do couro

estendia-se pela campanha, mas a "charqueada" ganhou incremento e começou-se a exportar a carne assim transformada. Ao mesmo tempo o regime de propriedade definiu-se na formação de extensos latifúndios — as estâncias. Socialmente separaram-se duas classes: o estancieiro, proprietário da terra e o peão, trabalhador da fazenda. Gaúcho e peão, foram termos que se confundiram.

Paradoxalmente, peão, que em suas origens servia para designar o homem a pé, passou a batizar o trabalhador da campanha que utilizava o cavalo para os seus misteres.

Continua a ter lugar de relevo entre as tarefas do peão: a doma dos animais bravios, particularmente de cavalos. Nesse trabalho o peão reveste-se das virtudes que especificavam o gaúcho livre, seu antepassado, de características bem diversas das suas.

A doma é apenas um episódio (entretanto cheio de arte e galhardia) de sua vida de trabalhador, como a marcação e o rodeio.

As transformações econômicas sofridas pelo quadro geográfico mudaram o gaúcho em simples peão, trabalhador em regime de salário. Nos momentos de festa e de espetáculo, nele transfiguram as qualidades do gaúcho tradicional das quais é herdeiro.

PESCADORES DO LITORAL SUL

Vivendo uma existência obscura, uma vida em que o heroísmo é a norma usual de cada dia, infatigáveis, os pescadores do litoral sul aglomeram-se de preferência em torno de enseadas e golfos profundos.

Sucedem-se assim, ao longo de extensa faixa costeira, os pequenos arraiais de pescadores com sua fisionomia típica, de redes estendidas secando ao sol, canoas descansando sobre os rolos, prontas para se fazerem ao mar e varais cobertos de peixes salgados postos a secar.

Magníficos marujos estes caboclos audazes, afeitos à intempérie, expostos ao sol e à chuva e que a tudo resistem, acostumados como estão, desde a tenra infância, a esta vida de trabalho e atividade intensa. Realizam um género de trabalho misto, associando as pescarias à pequena agricultura.

O mar, que constitue para estes homens o campo de atividades quase exclusivo, oferecendo às vezes peixe em abundância e em outras negando-lhes a subsistência quando varrido pelos temporais, impede a saída das canoas, determina certa inconstância no seu trabalho.

Limitam-se eles à pesca de linha e à pesca de rede, sendo esta a mais empregada e rendosa.

Antes de romper o dia, partem os pescadores nas suas pequenas canoas, para a aventura diária que lhes dará o sustento.

A venda de peixes é feita na praia, onde vão procurá-los os compradores.

A falta de uma indústria pesqueira e da organização eficiente da pesca, entrava de muito o desenvolvimento das pequenas aldeias de pesca do litoral sul do Brasil.

83

PINHAL

A curiirama, terra dos pinheiros, estende-se do meridiano de Minas Gerais ao norte do Rio Grande do Sul. Embora o Pinhal não seja a formação vegetal

única, dadas as ocorrências campestres e florestais beira-rio que se verificam nesta zona, é no entanto uma associação que pertence essencialmente ao planalto meridional.

O nome científico mais comum do nosso pinheiro é Araucária Brasileira Richard.

Os núcleos principais das matas de araucária localizam-se em Santa Catarina e Paraná.

Dos pinhais é que vive a indústria nacional do pinho e derivados. Caso o ritmo da exploração se mantenha sem alteração, a vida dos pinhais catarinenses talvez se prolongue apenas por mais 50 anos.

Atualmente o consumo do pinho está devidamente controlado por uma organização paraestatal, o Instituto Nacional do Pinho, que determina as quotas de derrubada e replantio.

O panorama que a floresta araucariana oferece é o de uma coleção formidável de colunas gigantescas erguendo as taças rasas e verde-escuras das copas dominantes e dispostas num mesmo nível. A sua transitabilidade é verdadeira, tanto para o cavalo quanto para o carro, como se observa na gravura ilustrativa.

Os pinhais são as únicas florestas no Brasil exploradas economicamente quanto à produção de madeira em larga escala e a presença da imbuia e da erva-mate aumenta-lhes o valor.

Na Amazônia, três árvores são símbolos econômicos: Seringueira, castanheiro e cacaueiro.

Na Curiirama há três símbolos vegetais valiosos, três árvores também: Pinheiro, imbuia e erva-mate.

TRAVESSIA DO GADO

A travessia dos cursos d'água constituiu sempre um problema para os movimentos ligados à pecuária.

Em nosso país, esse problema, dada a sua extensão e a precariedade dos caminhos, assumiu aspectos constantes. Entre a região pastoril de Mato Grosso e as regiões oeste e noroeste de São Paulo, por exemplo, para onde grandes rebanhos da primeira convergem, não há passagem contínua sobre o rio Paraná ou sobre o Paranaíba, quando aqueles rebanhos se destinam ao Triângulo Mineiro, de vez que a ponte ferroviária da Noroeste é privativa dos comboios da estrada.

Face à ponta da Sorocabana, em frente à qual, em barrancas de Mato Grosso, surgem com frequência pontas numerosas de gado, a travessia se processa em grandes balsas, forma pela qual o gado é também transportado nos rios Paraná e Paraguai.

Num e noutro, entretanto, onde amplas balsas de transporte de bovinos não existem, a travessia, quando se impõe, apresenta um problema que os vaqueanos experimentados enfrentam com serenidade.

Cabe-lhes zelar pela sorte dos animais que conduzem e a travessia é um dos momentos em que sua segurança pode estar em perigo.

Embora dotados de aptidão para nadar, os animais não se atiram à água por iniciativa própria, resistindo quase sempre.

Se o momento da entrada nas águas é dos mais críticos, exigindo perícia e presteza dos vaqueiros, não menos difícil é a tarefa de conduzir o rebanho através do rio, vencendo a correnteza até à margem oposta.

Assim, através da água de largos rios, os rebanhos bovinos são tangidos como em terra.

Feita a travessia, retomam a jornada por terra até às pastagens onde, via de regra, em fim de marcha, devem refazer-se das perdas ocasionadas pelos esforços da caminhada da travessia.

85

SERRARIA

As serrarias, centros de atividades diversas ligadas à exploração da madeira, desempenham um importante papel na vida local do Paraná e St.^a Catarina onde as florestas, principalmente as de pinho, produzem madeira economicamente útil. Nos arredores das serrarias desenvolveram-se pequenos comércios, tendo dado, não raro, origem aos povoados e vilas do sul do país.

Denuncia-se a proximidade de uma serraria pela melhoria das condições das estradas de rodagem e pelos grandes toros de madeira que, pelos caminhos, aguardam o transporte.

Na serraria propriamente dita, vê-se a casa principal, comprida, baixa, geralmente com paredes de madeira, coberta de táboas ou telhas. Há sempre duas grandes portas equipadas com declives, sendo uma para os toros que chegam e outra para saída da madeira já serrada. Fora estão os toros em desordem, esperando a vez de serem cortados. Em outro lado, bem arrumadas, estão pilhas do produto já pronto.

Como fundo da cena, estão os sítios originais com seu arvoredado característico. Espalhadas, aqui e acolá, as pequenas casas de madeira dos trabalhadores,

O Instituto Nacional do Pinho exerce controle geral das serrarias de pinho, estabelecendo normas para seu funcionamento, inclusive mínimo diâmetro e número de árvores a serem derrubadas e métodos de corte.

As atividades da serraria são variadas: seleção, classificação e descascamento das árvores, antes de serem abatidas. O corte é feito pelo "toreiro" e, finalmente, o tronco é dividido em 4 ou 5 toros, de 3 a 5 metros, no caso do pinheiro. Uma vez cortados, são os toros arrastados por juntas de bois até à beira da estrada; daí os caminhões os levarão à serraria onde serão transformados em pranchas, vigas, dormentes, postes ou peças de tanoaria. Assim transformada, será a madeira encaminhada para as estações ferroviárias ou portos, conforme seu destino.

São as serrarias classificadas: segundo as espécies de florestas (de madeira de lei e de qualidade, de pinho e mistas) pela capacidade de produção (superior a 800 mts. cúbicos, de 301 a 800, de 101 a 300 e inferior a 100 mts. cúbicos, em 25 dias de 8 horas de trabalho) e pelo destino da produção (serrarias de exportação, serrarias de consumo local ou de consumo próprio).

86

BOIADEIRO

Dentre as zonas criadoras do Brasil salientam-se notavelmente de todas as outras, tanto por sua ótimas e extensas pastagens, quanto pela abundância dos seus rebanhos de gado vacum, as zonas do Triângulo Mineiro, norte de São Paulo, sul de Mato Grosso e Goiás.

O boiadeiro aparece como figura típica desta região criadora. Ele nada mais é do que um comerciante de gado, servindo de intermediário entre os fazendeiros e os invernistas.

Constantemente viajando, penetram eles até as zonas pastoris mais afastadas do Triângulo Mineiro, de Goiás e de Mato Grosso, da zona de Paracatu, do sul e sudoeste de Minas Gerais, para comprar o gado diretamente do criador.

Montados nos seus cavalos, voltam tangendo enormes boiadas numa caminhada de centenas de quilômetros, em que levam semanas e meses.

Muitas vezes, porém, o boiadeiro apenas efetua a compra dos bois, tendo homens especialmente contratados para a condução das boiadas.

Também, muitas vezes, não é apenas intermediário entre o criador e o invernista e sim um recriador de gado. Neste caso êle compra as reses com um ano e nas suas invernadas cria-as até os três ou quatro, quando então são vendidas aos mercados consumidores.

Barretos é o mais importante centro econômico de gado gordo do Brasil.

Uma parte do gado da zona vai abastecer São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, sendo seu transporte feito pelas estradas de ferro. O movimento do transporte do gado se intensifica nos meses de fevereiro a junho.

87 BOIS DE SELA

Na planície amazônica ou mais amplamente, nas bacias hidrográficas de utilização intensa dos rios como vias de comunicação mais frequentes, a terminologia local, a que se acostumaram os ribeirinhos do Amazonas e os de Cuiabá, designa a canoa ligeira de madeira de um só tronco pelo mesmo vocábulo: mon-

taria — que entre os cavalarianos indica o animal em que cavalgam.

Onde, porém, não pode ela transitar, ainda que de pequeno porte, nem se encontram equinos, a necessidade premente de transporte sugeriu outros expedientes.

Assim ocorreu na ilha de Marajó, depois que as opulentas fazendas sofreram a devastação da "peste de cadeiras" que dizimou em 1826-1836 a raça cavalar. Daí se propagou no alto Amazonas e Peru, indo até Chiquitas da Bolívia, cruzando, em 1851, pela fazenda nacional de Casalvasco, em Mato Grosso, de cujos pantanais se assenhoreou para lhes aniquilar a criação indefesa.

Como fossem imunes os bovinos à epizootia fatal, recorreram os campeiros à sua resistência já comprovada na tração de carros pesados.

A gravura exhibe uma cena trivial em parte do pantanal matogrossense e regiões vizinhas, nas quais se propagou o emprego do boi como animal de sela.

Nenhuma alteração maior no arreo usual da região. Apenas se verificou a substituição do freio pela argola de correia, através do furo na cartilagem do septo nasal, em que se apoia a corda, à guisa de rédea, uma de cujas extremidade enlaça o boi pelos chifres e volta à mão do montador.

BURITIZAL

Na paisagem fitogeográfica do Brasil, o buritizal aparece ora como mata pluvial marginal interior, sendo, neste caso, um raro exemplo de floresta pura, ora como capão característico das grandes baixadas inundáveis.

Os buritis palmeiras podem atingir nove a dez metros de altura, tendo vinte e cinco a quarenta centímetros de diâmetro.

A água está sempre ligada à existência do buritizal.

Os buritizais são encontrados com frequência nos chamados campos de São Marcos, no alto Rio Branco, estado do Amazonas.

Quanto ao limite oriental do buriti, não foi possível fixá-lo com precisão.

Saint-Hilaire viu, pela primeira vez, aquela palmeira, na localidade de Taioba, município de Bocaiuva (nordeste de Minas Gerais).

O buriti, a "árvore da vida", fornece ao povo vários proveitos, tais como madeira, fibras e palha para esteira e chapéu, fios para cordas, polpa para doce, certa bebida fermentada.

No nordeste ocidental, no interior maranhense, na região do Balsas, do Parnaíba, os buritizais ocorrem comumente, alternando com os açazais, tendo sido assinalados na sua expansão para o norte, na zona do Cuminá, no estado do Pará.

É no buritizal que reside a grande atração do homem do interior: nele existem a água, o material de construção e parte da alimentação humana. Retirando, assim, das palmeiras buritis, material empregado nas suas habitações, a começar pela cobertura das casas feita com suas folhas, além de outros proveitos de utilidade pessoal, os homens efetivamente reforçam do modo mais econômico possível, o seu aparelhamento para a luta cotidiana pela vida.

No Brasil Central, uma das causas da dispersão do "habitat" rural pode ser encontrada na ocorrência dos "capões" de buritis que indicam sempre a presença de água.

A vegetação e o uso da terra no Planalto Central estão intimamente associados ao clima, ao solo e à topografia, que marcam o ciclo de erosão atual.

89 O CAMPO

CERRADO

Em geral o campo cerrado, como o próprio nome deixa transparecer, apresenta uma vegetação mais alta que a dos campos propriamente ditos, é um campo sujo, uma savana de vegetação mais densa: as árvores não se mostram muito isoladas e o tapete rasteiro não é francamente xerófilo.

Os campos cerrados são formações subxerófilas.

Estes campos, que ocupam a maior parte do território matogrossense e constituem uma das formações florísticas mais extensas do Brasil, não são contínuos e sua paisagem vegetal característica é interrompida à margem dos rios por matas ciliares ou justa-fluviais.

Daí o seu aspecto geral aparentar um tabuleiro dividido por grandes cercas vivas.

Como árvores características dos cerrados, deve-se mencionar a lixeira ou sambaíba, de folhas ásperas e rijas, empregadas no polimento das madeiras, a mangabeira, riqueza natural, pois fornece matéria-prima (um látex produtor de borracha) e alimento com seu fruto.

O característico da região, além da paisagem natural, é a regularidade na alternância das chuvas durante o ano. Assim é que há, perfeitamente distintas, uma estação chuvosa e outra seca.

Os campos cerrados apresentam uma grande área de dispersão. Encontram-se desde o sul até o norte

do país. No planalto maranhense, o cerrado surge semelhante ao do Brasil Central, com árvores isoladas, inclusive a já citada mangabeira.

Na Amazônia, dá-se também a ocorrência de alguns campos cerrados, porém inferiores em número de espécies, talvez por serem mais recentes.

Os campos cerrados, também denominados campos cobertos ou arborizados, formando a parcela maior da flora extra-amozônica, da chamada "flora geral brasileira", são encontrados no seu aspecto mais típico do Brasil Central.

O cerrado no Brasil (com todas as suas variantes), como bem demonstrou Waibel, é uma vegetação climax. Sua adaptação às regiões do Planalto Central decorrem não só do regime pluviométrico mas também das rochas, dos solos e da ação do homem através das queimadas.

90 CASA DO AGREGADO

Construída de preferência de acordo com as indicações e restrições da natureza, ela tem permanecido com o seu aspecto miserável na categoria de casa elementar. Uma construção única quase sempre abriga tudo o que é necessário à vida.

A dependência em que o agregado vive, em relação às influências naturais, sociais e econômicas, pode ser ilustrada mediante alguns exemplos concretos tomados, de certas regiões típicas do país.

Na região sul, a floresta da araucária (que pelas influências combinadas do clima e dos solos veste o planalto, a partir das proximidades da cidade sul rio grandense de Passo Fundo até o norte do estado do Paraná) explica a existência da casa de madeira

típica em quase toda a região considerada. Mesmo na zona dos campos, a casa de madeira existe, pois que nas depressões do terreno, os capões de pinheiros fornecem para a construção madeira de boa qualidade, de fácil aproveitamento e de suficiente provisão.

Localizada fora dos limites da resistência do fazendeiro, a casa do agregado procura, por economia, os sítios mais bem providos d'água.

Em Santa Catarina, no planalto de São Joaquim, o agregado emprega, na construção de sua moradia, tábuas simples ou achões de pinheiro.

Na região centro oeste, na zona do pantanal matogrossense, a habitação do agregado costuma ter por arcabouço moirões alinhados, um junto do outro.

Já no planalto sul de Goiás, na zona integrada pelos territórios dos municípios de Goiânia, Suçuapara, Anápolis, Silvânia, Mataúna, Jataí, Morrinhos, Piracanjuba, Rio Verde, Caldas Novas, Ipameri, Lu-ziânia, Planaltina, além de outros mais para o norte, como sejam Pirenópolis e Jaraguá, a casa do agregado é quase sempre do tipo "cochicho".

A gravura focaliza do agregado em relação à do fazendeiro do sul de Goiás.

DERRUBADA

O homem nas regiões florestais lança mão da derrubada a fim de abrir espaço para as suas diversas atividades. Devastam-se primeiro arbustos e lianas, elementos de pequeno porte, dando-se a isso o nome de roçada. Segue-se o corte das grandes árvores, a derrubada propriamente dita. Ponto de partida para a ocupação, para as culturas como para a criação,

É a forma pela qual podem ser exploradas as riquezas das florestas, tanto madeiras de lei, como lenha e carvão vegetal.

Muitas vezes o objetivo da derrubada é o de sanear, como no caso dos vales do Tietê e Feio.

A derrubada está muito ligada a um tipo da zona pioneira, o desbravador, que sempre está adiante da estrada, abrindo novos horizontes para a civilização que avança, mas nunca sendo absorvido por ela. Um exemplo interessante da derrubada em zona da retaguarda da faixa pioneira é a realizada nas matas do sudoeste da Bahia, bem na região do litoral.

Apesar de haver derrubada sistemática **com** o avanço do povoamento para o interior, em certos lugares a mata foi preservada nas encostas da serra do Mar e nas margens dos grandes **rios, como** Contas, Jequitinhonha, Doce, onde a floresta úmida, densa, insalubre, dificulta o estabelecimento humano.

A derrubada, quando bem dirigida, sendo a madeira aproveitada e havendo um reflorestamento correspondente ao tratamento do solo, não é prejudicial.

As derrubadas **mal** feitas acarretam prejuízos enormes à agricultura, expõem os solos à erosão, principalmente nas encostas dos morros, alteram o regime dos rios e levam a população de certas zonas **a** um regime nômade.

92 FLORESTA

GALERIA

No vasto domínio da vegetação campestre que encobre em grande extensão o Planalto Central, as matas alongam-se e serpeiam pelas margens dos cursos d'água ou se estendem pelas depressões longitudinais acusando maior umidade do solo.

Tais formações constituem as chamadas florestas ou matas galerias. São também chamadas: matas ciliares, matas de fecho ou de anteparo, porque são "nesgas de mata que acompanham as margens dos rios como cercas vivas ou anteparo", matas justafluviais, matas marginais e matas beira-rio ou matas de condensação.

Essas matas galerias, vistas de um ponto elevado, dão a ideia de um rio de verdura, salientando-se da baixa vegetação campestre que se estende em torno e até permitem o reconhecimento dos caudais, invisíveis na sua maior parte, mas demarcadas pela fita vegetal. A gravura, que é a reprodução de desenho baseado numa fotografia aérea, nos dá um aspecto dessas matas, colhido nos campos paulistas lindeiros com Minas Gerais no planalto.

A figueira, a ingarama, a canela, a sucupira, o cedro, a peroba, o ipê, fazem parte das matas que debruam os rios mais caudalosos; entre as árvores fornecedoras de madeira preciosa alinham-se a aroeira, o cedro, o ipê, o jequitibá, o óleo vermelho.

Não obstante a frequente variação em espécies, as matas galerias oferecem exemplos de agrupamentos puros, homogêneos. Assim, entre a foz do Apa e Coimbra, estendem-se formações de carandá, que têm sido confundidas com a carnaúba.

Outra palmeira, o buriti, compõe também as matas marginais homogêneas, principalmente nas cabeceiras dos rios do Brasil Central.

As matas-geladas constituem, juntamente com os capões, duas modalidades de ocorrência da mata amazônica na imensidão dos campos brasileiros.

GARIMPEIROS

Conquistando de chofre o Brasil até Mato Grosso e Goiás, a mineração trouxe consigo a figura singular do garimpeiro, personagem das mais curiosas. É um tipo humano do Brasil, que encontrou, sobretudo nas áreas de quartzito de Minas Gerais, da Bahia etc. ricas de ouro e diamante, extensos horizontes de trabalho, com gêneros de vida opostos aos da planície agricultada.

Quer se trate da zona dos garimpeiros do rio das Garças e do Araguaia, do Triângulo Mineiro ou da bacia do Paraguai, do Tibaji ou do norte de Minas Gerais, da Mata da Corda ou do alto Paraguaçu, da chapada do Açuruaá ou da região limítrofe de Mato Grosso e Goiás, é o mesmo amor da liberdade o que se vê no garimpeiro diamantífero; o mesmo sentimento de solidariedade, igual apego à família, idêntico o respeito pela propriedade alheia.

Se bem que nem todos os garimpeiros sejam profissionais, isto é, possuidores de conhecimentos especializados, porque há os oportunistas atraídos pelos grandes resultados das extrações, pode-se dizer, de modo geral, que no trabalho o garimpeiro é auxiliado pela mulher, a qual participa com valentia de todas as suas alegrias e de todos os seus infortúnios.

Verificada a existência de "informações", ou "satélites" dos diamantes, os garimpeiros iniciam a exploração, retirando o cascalho do leito do rio por meio de escafandros ou por meio de mergulhadores de longo fôlego, "sequistas" ou ainda por meio de "grupiaras" e "monchões". O cascalho é lavado em três peneiras de crivos diferentes, em escala descendencial, sendo a primeira peneira denominada suruca.

Como modelador da paisagem cultural, o garimpeiro edifica povoações improvisadas, dispostas ao longo dos terrenos diamantíferos e à margem dos rios.

94

OBRAGEIROS

No trecho do rio Paraná, entre Guaira e Iguacu, estabeleceram-se de há muito os portos de escoamento da madeira.

Nas barrancas surgiram, então, os "obrages", lugares de corte e preparação de madeira para a descida das águas. Por extensão, passaram a ser conhecidos por "obrageiros" aqueles que se dedicavam ao trabalho da extração de madeira.

Os obrages são, hoje, instalações mais ou menos aparelhadas, à margem do Paraná e de trechos de alguns de seus afluentes à margem esquerda.

A necessidade de penetração na zona florestal separou o obrage do lugar em que, na verdade, se extrai a madeira. O trabalho dos obrageiros tornou-se mais penoso.

Em primeiro lugar trata-se de descobrir as árvores. O obrageiro interna-se nas matas, estabelecendo uma picada inicial que liga as diversas árvores que vai encontrando e que serve para o corte.

Começa depois a tarefa do corte, propriamente: a madeira é cortada e lavrada a machado, aproveitando todo o comprimento da árvore. Resta o transporte e, junto ao porto, a construção das pranchas para o escoamento natural pelo rio, — uma vez que o mercado platino constitui, de há muito, o melhor consumidor para a madeira nacional.

O trabalho do obrageiro é penoso, relativamente especializado, porque êle necessita conhecer as árvores próprias para o corte. Sua vida é difícil e cheia de privações. De sua tarefa surgiram os primeiros caminhos no oeste paranaense e alguns se transformam já em razoáveis estradas, tudo gravitando para o vale do Paraná, embora boa parte da madeira, hoje de zonas mais afastadas daquele rio, tenha no mercado nacional o seu escoadouro natural.

95

PANTANAL

Contrariamente ao que o nome indica, o pantanal não significa pântano ou terreno barroso. É uma vasta planície interior, no sudoeste matogrossense, sujeita a um regime de chuvas, que compreende uma estação úmida, que vai de outubro a março e outra seca, no restante do ano. Sua vegetação faz parte de um complexo de botânica de espécies que vivem em associação, coexistindo tipos hidrófilos e xerófilos. A distribuição vegetal está muito ligada à topografia, à proximidade dos rios e aos solos da região. O pantanal parece ser realmente um encontro de todos os tipos de vegetação, o que se explica de certa forma pela proveniência dos rios que o cortam.

No período das chuvas os afluentes do rio Paraguai, primeiramente, e depois o rio principal, aumentam de volume e provocam inundações que só não atingem as pequenas elevações na planície e o talude do planalto que circunda o pantanal.

A região ainda não foi aproveitada suficientemente. O uso da terra limita-se à criação e uma pequena agricultura, principalmente de arroz e culturas de subsistência.

O gado da região fica sujeito ao regime climático obrigando-se o fazendeiro a realizar a transferência entre a planície e as partes altas. No entanto, tal trabalho é compensado pelo valor das áreas de pastoreio, de gramíneas ricas que vicejam no solo fertilizado anualmente. Além disto as depressões do terreno guardam lagoas salgadas, o que simplifica em muito o cuidado que o criador dispensaria ao gado. A frase "o boi é quem cria o fazendeiro" possui o seu fundamento.

96

TAPERA

Aos viajantes do nosso interior, mesmo em zonas em que existe relativo progresso, se deparam, com frequência, as taperas.

Algumas vezes são casebres e choupanas isoladas e perdidas, abandonadas de seus moradores e entregues ao tempo. Outras, são pequenos núcleos de povoamento que chegaram a atingir nível de progresso interessante, quando tudo anunciava se tornariam vilas, com o passar dos tempos, e que entram a declinar, a tal ponto que os povoadores abandonam as suas casas, vão procurar ganhar a vida em outros lugares e aquele conjunto fica ao sabor do tempo, tornando-se uma tapera.

Muitas vezes, os próprios caminhos que levavam a tais lugares se tornam meras picadas que o mato cobre e que dificilmente o viajante encontra e distingue.

As taperas isoladas encontram-se em todos os recantos brasileiros, mesmo em zonas ricas.

A transformação de casas e vilas em tapera é a seguinte: a propriedade tocou a um parente longe que arrendou o campo e não se importa com a casa que

se vai arruinando aos poucos, fechada, sem abrigar mais ninguém.

As chuvas e os ventos derrubam o teto primeiro, depois uma parede e as portas e janelas. E lentamente a casa irá tornando-se tapera, que é uma saudade perdida no campo.

O tempo irônico, depois de dispersar, aos acasos da sorte, a roça "modesta que lutou e sofreu sob esse teto humilde, deixa erguidos no anonimato da morte, sem sombra de tradições, os seus muros solitários que ■ parecem rir para o caminho, pelas janelas e portas escancaradas.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS
OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" S. A., A RUA
CONDE DE' SARZEDAS, 3S, SAO PAULO, EM
1960,